



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

UMA “BATUCADA” PRA LÁ DE ESPECIAL:

**Um estudo do fazer musical na banda de música da APAE de Governador Valadares –
MG**

Renata Soares Cassini

Ipatinga/MG

2014

RENATA SOARES CASSINI

UMA “BATUCADA” PRA LÁ DE ESPECIAL:

**Um estudo do fazer musical na banda de música da APAE de Governador Valadares –
MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito obrigatório para a obtenção do
título de Licenciado em Música na Universidade
de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vania Malagutti Fialho

Ipatinga/MG

2014

AGRADECIMENTOS

A Prof^ª. Dr^ª. Vania Malagutti Fialho pela orientação deste trabalho, que com toda a sua paciência, carinho, dedicação e disponibilidade me acompanhou e me indicou o caminho a seguir nesta jornada de estudos. Seus questionamentos enriquecedores contribuíram para o meu crescimento enquanto aluna/pesquisadora e para a finalização dessa dissertação.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE da cidade de Governador Valadares – MG, por possibilitar a realização da minha pesquisa na Instituição com a banda de música, Batucada.

A Nanci, professora de música da Batucada, sempre prestativa e disposta a colaborar em meus estudos.

Em especial, a todos os alunos da Batucada que me receberam com tanto carinho e fizeram parte dos momentos agradáveis que passamos juntos nesses meses de estudo. Foram minha maior motivação e exemplo de perseverança e superação das dificuldades que encontrei ao longo desse trabalho.

Aos colegas do curso, pelo companheirismo e constante colaboração na busca do conhecimento nesses quatro anos, compartilhando saberes e momentos de alegrias e angústias. Em especial, aos amigos Alex, Bruno e Paulo, às muitas risadas, conversas “fiadas” e produtivas durante as viagens semanais que fizemos juntos a caminho do Polo.

A Pollyane, tutora presencial, pela amizade, competência e seriedade que nos conduziu até ao final do curso.

A Sílvia, amiga e companheira de trabalho, pelo apoio e dedicação aos meus alunos enquanto precisei estar ausente.

Aos meus irmãos, Samuel e João Paulo e a Carolina, minha cunhada/irmã/afilhada, pelo amor, apoio e compreensão em todos os momentos.

A Ester, minha querida e tão pequenina sobrinha, mesmo sem entender me proporcionou momentos descontraídos de alegria tornando os meus dias de estudo mais leve e agradável.

Ao meu pai, eterno amor, que há vinte anos partiu para o outro lado da vida. Saudades sem fim...

Especialmente, minha querida e amada mãe, meu exemplo de vida e grande incentivadora dos meus estudos. Amo você!

A todos aqueles que incentivaram e me fizeram acreditar que fosse possível.

Acima de tudo, agradeço a Deus, pela vida e por estar sempre no meu caminho, me iluminando, me guiando e me abençoando.

“Nada é suficientemente bom. Então vamos fazer o que é certo, dedicar o melhor de nossos esforços para atingir o inatingível, desenvolver ao máximo os dons que Deus nos concedeu, e nunca parar de aprender.”

BEETHOVEN

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar o fazer musical na banda Batucada da APAE de Governador Valadares, focando especialmente nas interações musicais de três alunos com Síndrome de Down. A partir de uma abordagem qualitativa, a investigação procurou responder as seguintes questões: como esses alunos percebem a prática musical no qual estão inseridos? Como definem e se relacionam com o repertório da Banda? Como interagem entre si e com/nas apresentações musicais públicas? As técnicas de coleta dos dados foram observações, anotações de campo e entrevistas. Para tratar dessa discussão, tomei como principais referências as ideias de Schutz (1974) sobre a interação nas práticas musicais em grupo, e Goffman (1975) com a sua contribuição teórica à interação na vida cotidiana das pessoas para se aproximarem umas das outras. Os resultados levantados na análise dos dados mostraram que as interações dos alunos com Síndrome de Down são evidenciadas na prática musical, onde a comunicação e aproximação deles com os integrantes da banda e outras pessoas ocorrem enquanto vivenciam a música durante as danças, no canto e no tocar instrumentos. Verificou-se também que as interações desses alunos na Batucada são possíveis e não há limites que impeçam alunos especiais de fazer música.

Palavras-chave: Interação; Prática Musical; Síndrome de Down

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the band Batucada da APAE, in Governador Valadares, MG, and its musical interaction with three students with Down Syndrome. Through a qualitative approach, the investigation searched for some answers: how do these students perceive the musical practice in which they are inserted? How do they define and relate themselves with the repertory of the band? How do they interact among themselves and with/in public musical presentations? The techniques used to collect data were observations, field notes and interviews. To address this issue, the ideas of Schutz (1974) about the interaction in musical practice in groups, and Goffman (1975) with his theoretical contribution to real life interaction bringing people closer were taken as references. Based on the results of the analysis of data, it is shown that the interaction of students with Down Syndrome is highlighted in musical practice, where their communication and approximation with the band and other people occur while they experience the music during dancing, singing and playing instruments. It also appeared that the interaction of these students in the band is possible and there are no limits that prevent them to make music.

Keywords: Interaction; Musical Practice; Down Syndrome

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mikail no dia da entrevista	26
Figura 2: Alan no dia da entrevista	27
Figura 3: Jefferson no dia da entrevista	27
Figura 4: A caminho da sala os alunos param para conversar com a professora	35
Figura 5: Mikail no tambor	37
Figura 6: Alan tocando Cajon	37
Figura 7: Alan e a meia lua em apresentação na escola	38
Figura 8: Jefferson e o tambor em apresentação do INSS	38
Figura 9: Ritmo executado na Batucada	39
Figura 10: Alan dançando forró no ensaio	41
Figura 11: Mikail dançando forró no ensaio	42
Figura 12: Mikail e Jefferson dançando <i>funk</i> na apresentação do INSS	42
Figura 13: Dançando <i>funk</i> na apresentação do Teatro.....	43
Figura 14: A Batucada na escola	56
Figura 15: Indo para o auditório	61
Figura 16: Chegando ao Teatro	63
Figura 17: Descontração no camarim	63
Figura 18: Apresentação no Teatro	64
Figura 19: Jefferson, Mikail e Alan	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: entrevistas	28
Tabela 2: observações	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	16
BREVE REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A SÍNDROME DE DOWN	16
1.1 A SÍNDROME DE DOWN	16
1.2 ORIGEM DA SÍNDROME DE DOWN	17
1.3 O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN.....	19
1.4 A EDUCAÇÃO MUSICAL E A SÍNDROME DE DOWN	20
1.5 A APRENDIZAGEM MUSICAL E A SÍNDROME DE DOWN	22
CAPÍTULO 2	24
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
2.1 ABORDAGEM QUALITATIVA	24
2.2 ENTREVISTA.....	24
2.3 RELATO DAS ENTREVISTAS	25
2.4 AS OBSERVAÇÕES	29
2.5 RELATO DAS OBSERVAÇÕES.....	30
CAPÍTULO 3.....	34
A PRÁTICA MUSICAL NA BATUCADA.....	34
3.1 INTERAÇÕES DOS ALUNOS COM A MÚSICA NA BATUCADA	34
3.1.1 Tocando: o bairão e outros estilos	35
3.1.2 Dançando: aproximação com os amigos.....	40
3.1.3 Cantando: síntese de interações.....	43
3.1.4 Sentindo: emoções compartilhadas.....	46
3.2 REPERTÓRIO, ENSAIOS E APRESENTAÇÕES MUSICAIS: INTERAÇÕES NO PROCESSO MÚSICO-PEDAGÓGICO	49
3.2.1 Repertório	49
3.2.2 Ensaio: vivência de interações	52
3.2.3 As apresentações públicas da Batucada.....	55
3.2.3.1 Apresentação na escola	56
3.2.3.2 Apresentação no auditório do INSS	60

3.2.3.3 Apresentação no teatro	62
CAPÍTULO 4.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
APÊNDICES	74
APÊNDICE A– GUIA DE ENTREVISTA.....	74
APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA	76
APÊNDICE C – CARTAS DE CESSÃO DO ALUNO	78
APÊNDICE D – CARTAS DE CESSÃO DO PROFESSOR.....	80
ANEXOS	82
ANEXO A – LINK (CD) COM MÚSICAS DA BATUCADA	82

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o fazer musical da Banda Batucada da APAE de Governador Valadares, focando especialmente nas interações musicais de três alunos com Síndrome de Down. Esta banda é composta por um grupo de dezoito alunos de idade entre 14 a 60 anos com diferentes tipos de deficiência, tais como Síndrome de Down, microcefalia¹, alguns sem diagnóstico fechado e um aluno com a deficiência visual.

A banda surgiu a partir de um projeto de reciclagem desenvolvido pela professora de música com os demais professores da instituição. Neste projeto, os objetos recolhidos pelos alunos e que podiam ser reaproveitados, eram vendidos e os recursos usados em pequenas despesas da APAE. Ocorria que alguns itens como garrafas e copos de plásticos, como não tinha valor comercial, eram empilhados em uma das salas da APAE. A partir daí, surgiram questionamentos dos próprios alunos sobre os objetos guardados e, com isso, a professora de música teve a ideia de fazer oficinas para fabricar instrumentos musicais com esses materiais, e então, o “reciclado” começou a fazer parte das aulas de música.

Conforme a professora, à medida que os instrumentos ficavam prontos, os alunos diziam que eles “só davam para uma batucada e mais nada”. A princípio não havia a pretensão de se formar uma banda. No entanto, nas aulas de música alguns alunos foram se destacando musicalmente e assim, surgiu a proposta de um grupo somente com eles, nascendo a “Batucada”, nome sugerido pelos próprios alunos nas oficinas de construção dos instrumentos. As aulas de música tiveram início no ano de 2011, mas a banda foi formada somente no ano de 2012. O projeto teve êxito na APAE e atualmente a Batucada faz em média de três a quatro apresentações por mês em locais como igrejas, escolas, praças, eventos como no dia internacional da Síndrome de Down, na biblioteca pública e em canais de TV local. Os instrumentos construídos com materiais reciclados não são mais utilizados pela banda dando lugar a instrumentos de percussão adquiridos pela APAE através de uma verba da prefeitura municipal destinada à Associação. As aulas e os ensaios da banda ocorrem em uma sala específica de música na APAE equipada com vários instrumentos de percussão. Atualmente os

¹Microcefalia é uma condição neurológica na qual a circunferência da cabeça é menor do que o normal. Caracteriza-se quando o diâmetro cefálico está 2 ou mais desvios padrões abaixo da média. Pode decorrer de uma produção baixa de neurônios durante a embriogênese, que pode ou não estar associada a alterações estruturais. A microcefalia pode estar presente ao nascimento ou pode desenvolver-se nos primeiros anos de vida.

alunos tocam o timbal, repinique, conga, triângulo, pandeiro, meia lua, agogô, flauta doce, e, recentemente adquirido, o cajon. Há uma vocalista na banda e alguns deles dançam durante as aulas e apresentações.

Meu contato com a banda ocorreu em 2013. Por trabalhar com a educação musical em uma escola de música na cidade, fui convidada pela professora de música da APAE de Governador Valadares – MG para prestigiar, juntamente com os alunos da minha escola, em um evento musical da APAE onde os alunos da banda “Batucada” apresentariam um show de baião em homenagem aos 100 anos de Luiz Gonzaga. Nesse evento, com o propósito de integrar os alunos das duas escolas, alguns de meus alunos fizeram uma pequena participação tocando canções de Luiz Gonzaga em instrumentos como teclado, violão e flauta doce.

O convite de participar deste evento me proporcionou conhecer a “Batucada” e um pouco do trabalho musical desenvolvido pela professora de música do grupo. Isso fez-me refletir sobre o assunto e a possibilidade de desenvolver um estudo na área da música com pessoas que apresentam algum tipo de deficiência intelectual.

Há alguns anos me dedico ao ensino de música, atendendo também a alunos que apresentam Transtornos do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)², assim como alunos especiais diagnosticados com a Síndrome de Asperger³, um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), resultante de uma desordem genética e que apresenta muitas semelhanças com relação ao autismo. O que me motiva a pesquisar tal tema, além de trabalhar com crianças com necessidades especiais, é melhor entender a relação entre elas e a música.

Sendo assim, pretendo ampliar o assunto para uma abordagem reflexiva, com o intuito de esclarecer alguns aspectos em relação aos mesmos, com o propósito de documentar, analisar e investigar as interações dos alunos dando ênfase à deficiência intelectual, especificamente à Síndrome de Down.

A síndrome de Down caracteriza-se por ser uma ocorrência genética natural e algumas das principais características desta síndrome são: a hipotonia (flacidez muscular), o

² O transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade.

³ Síndrome de Asperger é o termo aplicado ao mais suave e de alta funcionalidade daquilo que é conhecido como o espectro de desordens pervasivas (presentes e perceptíveis a todo o tempo) de desenvolvimento (espectro do Autismo).

comprometimento intelectual fazendo com que a pessoa aprenda mais devagar e a aparência física apresentando perfil facial achatado e arredondado, olhos puxados com pregas no canto interno, orelhas pequenas, língua protusa (para fora da boca), dedos curtos, nariz pequeno, entre outras.

Dessa forma, a pesquisa visou também, contribuir para outros educadores musicais que trabalham com alunos especiais, particularmente a Síndrome de Down, mostrando que as interações podem ser possíveis em espaços de aprendizagem musical assim como podem ser compartilhadas e integradas à vida em um grupo.

No Brasil, são poucos os estudos sobre Síndrome de Down e educação musical, dentre eles destacam-se algumas autoras que tem se dedicado a esse assunto. Gomes (2008) aborda temas sobre a síndrome e o ensino da música baseados em estudos que tratam sobre o desenvolvimento emocional, cognitivo e socialização de alunos Downs em espaços de ensino; Santos (2008) sobre a educação musical e sua aplicação ao ensino para indivíduos com Síndrome de Down destacando a importância das artes ao ensino-aprendizagem musical desses alunos e Ravagnani (2009) traz estudos sobre a aprendizagem musical de alunos Downs em um contexto de interação social.

Nesta pesquisa, as interações que se dão entre os alunos envolvidos na prática musical da banda é o foco principal. Sendo assim, buscou-se investigar como se dá a interação dos alunos Down na Batucada enquanto aprendem música. Como desdobramentos dessa questão, discuto: como esses alunos percebem a prática musical no qual estão inseridos? Como eles definem e se relacionam com o repertório da banda? Como interagem entre si e com as apresentações musicais?

Neste estudo a interação será abordada com o intuito de compreender a prática musical desses alunos e de como acontece a comunicação dos mesmos com relação aos demais participantes do grupo, tanto nas aulas de música quanto nas apresentações públicas dentro e fora da APAE.

O conceito de interação é tratado por Goffman (1975) que analisa a interação na vida cotidiana buscando entender o cenário de vida social atual de sujeitos, que os definem num determinado espaço de convivência. Para compreender os movimentos da vida das pessoas, Goffman voltou-se à análise das representações dos indivíduos no contexto social, observando como eles interagem entre si, quais as impressões que expressam e como se formam os papéis

que os indivíduos, chamados de atores, desempenham num determinado cenário. Ele analisa como as pessoas agem para expressar aquilo que pretendem ser para a plateia, quais os mecanismos que utilizam para causar as impressões desejadas e como os observadores entendem e recebem estas informações.

Dias (2011) destaca, a partir dos estudos de Goffman (1967), que no estudo das interações conhece-se o indivíduo através das relações que há entre as ações das pessoas que se mantêm em convívio direto, porém, dando ênfase na circunstância onde se tem o envolvimento de duas ou mais pessoas em uma interação que estabelecem a comunicação entre elas.

Dias (2011) também discute especificamente a interação na música, a partir das contribuições teóricas de Schutz (1974), abordando exclusivamente o fazer musical em conjunto e as interações sociais dos indivíduos que ocorrem em grupo associadas às práticas musicais. Ainda de acordo com Schutz (1974 *apud* DIAS, 2011, p. 22) a interação acontece “em um conjunto de ações interdependentes de vários seres humanos, relacionadas pelo sentido que o ator designa sua ação e que supõe ser compreendido pelo seu interlocutor”. Para o autor, “a relação de sintonia mútua onde o eu e o tu são experimentados por ambos participantes como um ‘Nós’ em uma presença vívida, é a única relação sobre a qual se baseia toda a comunicação” (SCHUTZ, 1974, p. 155, *apud* DIAS, 2011, p. 22). Nesse sentido, Dias (2011), afirma que o autor,

vê o caráter social da música pelas palavras (texto da música) como um produto social. O ritmo também é resultado de nossa vida em sociedade. O indivíduo sozinho não pode descobrir o ritmo. Como as palavras e o ritmo são de origem social, também o são as experiências musicais (DIAS, 2011, p.22).

A prática musical na banda permite que os alunos interajam e vivenciam juntos no mesmo instante e ambiente, a mesma experiência musical enquanto fazem música em conjunto. Dentro dessa perspectiva, investigar a interação aqui exposta através do discurso musical, pode vir a ajudar na compreensão de aspectos da aprendizagem musical dos alunos com Síndrome de Down na “Batucada”, relacionando-a a vivência em grupo e a experiência musical compartilhadas durante o fazer musical. Nesse contexto, penso que um estudo focado nas interações desses alunos com a prática musical em uma banda pode criar oportunidades para o educador musical melhor compreender o especial e, assim encontrar caminhos para lidar com as diferenças, as limitações e as potencialidades de cada um.

Deste modo, a pesquisa foi desenvolvida, tendo como principal objetivo analisar o fazer musical da banda Batucada, focando especialmente nas interações musicais de três alunos com Síndrome de Down. Ao mesmo tempo, procurou compreender através das observações e entrevistas a relação desses alunos com a música dentro do grupo, como eles percebem a prática musical, o repertório na banda, a relação música e dança e por fim, verificar por que esses alunos participam da banda.

Além da observação desses alunos em seu ambiente de estudo, também observei as apresentações realizadas pela Batucada em outros locais fora da APAE, tendo em vista uma análise de como ocorre à interação deles com a música em outros contextos. As observações ocorreram de forma não participante e em uma das atividades da banda houve a minha participação quando fui solicitada pelos alunos durante a aula e posteriormente, registradas em anotações por mim fora do campo. O trabalho também contou com entrevistas com três alunos Down, participantes da Batucada, assim como entrevistas e conversas informais com a professora do grupo.

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos. O capítulo 1 compreende uma revisão de literatura apresentando uma contextualização sobre as patologias da Síndrome de Down e sua origem, o desenvolvimento desses portadores, assim como traz o ensino da música e consequentemente a aprendizagem musical dos alunos Downs. O capítulo 2 aborda os procedimentos metodológicos, explicitando o estudo a partir de uma abordagem qualitativa e apresentando relatos dos eixos principais da coleta de dados, entre eles, os das observações e das entrevistas semiestruturadas. O capítulo 3 trata-se das análises e discussões dos dados coletados com um olhar voltado para as interações a partir da prática musical dos alunos Downs na banda de música. Para concluir, no capítulo 4 as considerações finais, que apresenta os resultados e contribuições deste estudo para a área da educação musical.

CAPÍTULO 1

BREVE REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A SÍNDROME DE DOWN

1.1 A SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down foi descrita em 1866 pelo médico britânico John Longdon Down, que identificou características de uma criança com a Síndrome caracterizada por um atraso do desenvolvimento, tanto das funções motoras do corpo, como das funções mentais. Sabe-se que esta Síndrome ou Trissomia 21 é uma condição genética causada pela presença extra, total ou parcial do cromossomo 21 que influencia na formação do corpo das crianças que a possuem. A diferença genética ocorre geralmente por uma falha de translocação ou não disjunção dos cromossomos, sendo a Síndrome a mais comum dos distúrbios genéticos.

Segundo Bissoto (2005, p. 81) “a Síndrome de Down se caracteriza em sua etiologia, por ser uma alteração na divisão cromossômica usual, resultando na triplicação ao invés de duplicação do material genético referente ao cromossomo 21”. Augusto (2003), afirma que o Down é um distúrbio da divisão cromossômica e que influencia no desenvolvimento do portador e também explica porque estes indivíduos possuem tantas características em comum e por que são tão parecidos entre si, e desta forma o diagnóstico é imediato.

As pessoas com Síndrome de Down possuem características típicas e dúvidas quanto ao diagnóstico das crianças que nascem com a Síndrome são mínimas. Como características mais marcantes, encontramos: fissuras palpebrais com a parte externa mais elevada e uma prega no canto interno dos olhos; prega única na palma da mão; mãos grossas com dedos curtos; dentes pequenos; língua grande, sulcada e protrusa (para fora da boca); baixa estatura; pescoço curto; falta de tônus muscular causando moleza e flexibilidade exagerada; problemas cardíacos congênitos; deficiência intelectual leve ou moderada; microcefalia; problemas na visão e audição; distúrbios hormonais e retardo variável no desenvolvimento psicomotor.

Para o diagnóstico, Lefèvre (1981, citado por AUGUSTO, 2003, p.19) destaca do quadro clínico geral o aspecto da face, a hipotonia (falta de tônus muscular), as mãos e um retardo variável no desenvolvimento psicomotor.

Nessa perspectiva, entende-se que a Síndrome de Down é uma anomalia da divisão cromossômica, ou seja, ao contrário de dois cromossomos, há uma triplicação do cromossomo 21. Sendo assim, essa trissomia influencia no desenvolvimento do portador e esclarece o motivo pelo qual as características em comum desses indivíduos são semelhantes entre si, o que facilita o diagnóstico da Síndrome.

1.2 ORIGEM DA SÍNDROME DE DOWN

Para Ramalho (2011), a origem da Síndrome de Down não é fácil de ser identificada, pois envolve fatores genéticos e ambientais. A autora compartilha das ideias de Kozma (apud Gundersen 2007, p.21) que as causas da Síndrome,

São inúmeras e complexas, envolvendo fatores pré-natais (infecções congênicas), perinatal (falta de oxigênio) e pós-natal (infecções, tumores), onde também pode ocorrer durante a meiose, explicada abaixo, que resulta do que é chamado não-disfunção, ou falha na separação correta de um par de cromossomos (KOZMA apud Gundersen 2007, p.21).

Durante o desenvolvimento das células do embrião são formados 47 cromossomos no lugar dos 46 que se formam normalmente. O material genético em excesso altera o desenvolvimento regular da criança e este material extra se encontra localizado no par de cromossomos 21, que deu origem ao nome de Trissomia 21 ou Trissomia simples. Dentre as causas da Síndrome de Down, a trissomia 21 é a mais comum e a responsável pela maioria dos casos. Ela se caracteriza pela presença de um cromossomo extra no par do número 21, ou seja, uma terceira cópia do cromossomo de número 21 nas células das crianças, devido a uma não disjunção cromossômica na formação dos gametas, óvulo e espermatozoide, (MUSTACCHI, 2002; BISSOTO, 2005; ANDRADE, 2006).

Conforme Ramalho,

Meiose segundo Kozma (apud Gundersen 2007, p.18 e 19) é quando os membros de cada par de cromossomos separam-se ou disjuntam-se um do outro e cada célula-filha recebe somente um cromossomo do par original. Antes de estarem completamente desenvolvidas, as células germinativas primordiais começam com 46 cromossomos, porém, à medida que amadurecem, seu número de cromossomos é reduzido a 23, por meiose.

Assim, na concepção, o espermatozóide e o óvulo contêm, cada um, apenas 23 cromossomos, metade do número original de 46 cromossomos.

Damos o nome de Mosaicismo quando a criança apresenta um mosaico de células trissômicas (três cromossomos 21). O mosaicismo ocorre quando há uma não disjunção nas divisões celulares do cromossomo 21 durante o processo da mitose (divisão das células somáticas) no embrião. Neste caso, a célula trissômica dará origem a outras semelhantes, sendo que se mantêm as células normais. Assim, a razão entre o número de células normais e o número de células trissômicas é variável de indivíduo para indivíduo. Sendo assim, ocorre quando o indivíduo possui células normais (com 46 cromossomos) e células trissômicas (com 47 cromossomos) e é o tipo menos comum em crianças com Síndrome de Down.

Já, quando o cromossomo 21 se liga em outro cromossomo que possui o centrômero mais próximo das extremidades do que do centro, damos o nome de Translocação Robertsoniana, pois na etapa da meiose, a reprodução normal dos gametas produz um cromossomo 21extra. Ocorre quando o cromossomo adicional está ligado ou translocado a um cromossomo de outro par, geralmente o par de número 14 (PUESCHEL, 1993; BRESSAN, 2002). Dessa forma, a translocação do tipo Robertsoniana é causada por um erro genético e tal fator é responsável por um número menor das pessoas com a Síndrome.

De acordo com Ramos (2006), a Síndrome de Down é um,

Acidente genético [que] ocorre durante a fase intrauterina resultando em um indivíduo com 47 cromossomos ao invés de 46 cromossomos, estando o cromossomo extranumerário ligado ao par 21, sendo a idade avançada da mãe, acima dos 35 anos, o principal fator de risco para essa desordem (RAMOS, 2006, p. 17).

Contudo, Ravagnani (2009) ressalva que embora a idade avançada da mãe seja um fator bastante conhecido e comumente associado à ocorrência da Síndrome de Down, qualquer casal, de qualquer idade, raça ou condição social pode gerar um filho com estas características.

Siqueira (2006) acrescenta que,

O diagnóstico pré-natal permite, durante a gravidez, saber se o feto é ou não acometido pela Síndrome de Down. As principais indicações para o diagnóstico pré-natal são: (Jones, 1998) - Idade materna acima de 35 anos; Filho anterior com Síndrome de Down; Um dos pais portador de translocação cromossômica envolvendo o cromossomo 21; Malformações fetais

diagnosticadas pelo ultra-som; Testes de triagem pré-natal alterados (SIQUEIRA, 2006, p.26).

A autora ressalta a importância do pré-natal no período da gestação para a descoberta se o feto apresenta ou não a Síndrome de Down. Da mesma forma, ela aponta que:

O diagnóstico pós-natal da Síndrome de Down é estabelecido com base em uma série de sinais e sintomas, sendo posteriormente confirmado pelo estudo cromossômico. É importante salientar os seguintes aspectos: geralmente o paciente com Síndrome de Down apresenta diversas características, mas algumas vezes eles apresentam somente poucas delas; nenhuma delas é essencial e/ou suficiente para o diagnóstico; nenhuma criança tem todos os sinais e nenhum sinal isolado é decisivo para caracterizar o diagnóstico sendo positivo para a síndrome (SIQUEIRA, 2006, p.26).

Nesse sentido, Siqueira diz que não são somente as características estabelecidas para esta Síndrome que vai dar um diagnóstico preciso, pois nem todas as crianças apresentam todos os sinais e características. Sendo assim, são necessários estudos específicos dos cromossomos que vão permitir o diagnóstico positivo da Síndrome.

1.3 O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN

Conforme Bissoto (2005), o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down é semelhante ao desenvolvimento de uma criança sem a síndrome, porém ocorrendo de modo mais lento. Dessa forma,

O desenvolvimento do indivíduo portador da Síndrome de Down é, tanto quanto o de qualquer não portador, resultante de influências sociais, culturais e genéticas; incluindo-se aí as expectativas havidas em relação às suas potencialidades e capacidades e os aspectos afetivo-emocionais da aprendizagem (BISSOTO, 2005, p. 86).

Sabe-se que a criança com a Síndrome de Down tem o ritmo de desenvolvimento mais lento que crianças sem a Síndrome. Com relação ao desenvolvimento motor, entende-se que há um atraso na ação dos movimentos causado pela hipotonia muscular, uma das características desta Síndrome que contribuem para este fato.

Augusto (2003) afirma que apesar do desenvolvimento da criança Down ser mais lento que o de uma “criança normal”, mesmo assim ela estará no seu dia a dia cumprindo todas as fases e etapas de seu desenvolvimento, porém de acordo com as suas possibilidades. A autora ainda complementa, que:

Devido ao amadurecimento constante do seu Sistema Nervoso Central (Lefèvre A., 1981, p.17), esta criança se desenvolverá diariamente e, mesmo que este caminhar seja bem mais vagaroso, evoluirá patentemente em inteligência e habilidades até a idade adulta. Apesar de o desenvolvimento lento ser comum em todas as crianças Down, existem diferenças marcantes entre elas: cada uma terá suas graças, seu jeito de ser, de brincar, de se comunicar e também o seu tempo de aprendizado, ficando a nosso encargo perceber a hora e a forma mais carinhosa de nos aproximarmos dela (AUGUSTO, 2003, p.4).

Nessa perspectiva, Ravagnani (2009) baseado nos estudos de Schwartzman (2003), escreve que tanto o comportamento quanto o desenvolvimento da inteligência não dependem única e exclusivamente da alteração cromossômica, mas também do potencial genético e da qualidade das influências exercidas pelo meio no qual estão inseridas.

De maneira geral, os indivíduos com a Síndrome de Down possuem dificuldades variadas que afetam o seu desenvolvimento motor e cognitivo. Essas dificuldades são atribuídas às características físicas ou ambientais que influenciam de forma negativa no processo de desenvolvimento das pessoas com Síndrome de Down. Nessa perspectiva, o atraso com relação ao desenvolvimento da criança Down é evidente, no entanto isso não impede que as mesmas aprendam suas tarefas diárias e participe da vida social e familiar como qualquer outra criança, pois o Down é capaz de realizar atividades sozinhas e a sua capacidade de desenvolvimento vai depender da estimulação que lhe for dada e das características individuais que cada um possui, pois as diferenças de desenvolvimento de uma criança para outra estão relacionadas às características individuais que são decorrentes de herança genética, da estimulação, educação, do meio ambiente no qual elas estão inseridas, dentre outros.

1.4 A EDUCAÇÃO MUSICAL E A SÍNDROME DE DOWN

De acordo com Donatone (2011), a educação musical é uma fonte de prazer para qualquer criança, inclusive para as que possuem algum tipo de deficiência intelectual. A autora destaca a música como um recurso que quando usado na Educação Especial permite aos alunos

especiais experimentar sensações agradáveis, fortalece a sensibilidade do mesmo, assim como desperta o interesse, prende a atenção e estimula a vontade de aprender, produzindo assim a aprendizagem desses alunos. Conforme a autora,

A educação pela música propõe que a música seja o instrumento do ensino-aprendizagem, pois por meio dela, se poderão unir as características universais e individuais de cada pessoa possibilitando uma verdadeira educação democrática, atendendo os fins da educação propostos em todos os sistemas que, têm o homem como centro (DONATONE, 2011, p.21).

A mesma opinião é defendida por Ravagnani (2009) considerando que a Educação Musical traz benefícios importantes para todos os tipos de pessoas inclusive as que apresentam alguma necessidade especial. Nesse sentido compreende-se que a música é uma forma de expressão e comunicação que envolve o ser humano. É um recurso importante que pode ser utilizado no ensino de crianças especiais, neste caso, as com Síndrome de Down, pois permite que elas experimentem sensações agradáveis podendo assim, influenciar positivamente na aprendizagem das mesmas.

Santos (2008) considera que a Educação Musical tem como principal objetivo “desenvolver a sensibilidade estética e artística, favorecer a atenção e a memorização, proporcionando aos alunos a possibilidade de fazer e apreciar música da sua realidade e de outros contextos”. Acrescenta também que a música tem um papel relevante na educação de uma criança com Síndrome de Down, “pois pode facilitar o crescimento de seus conhecimentos, suas relações sociais, liberdades de expressão e facilita suas capacidades de comunicação”. Nessa perspectiva e de acordo com a mesma fonte, a autora faz referência a Uricoechea (2003) mencionando que

É maravilhoso ver que a música como estímulo, no momento certo e adequado, tem a capacidade de retirar estas pessoas deste mundo de incapacidades onde eles estão rotulados; neste momento, eles ficam livres deste estigma da deficiência mental (Uricoechea, 2003, p. 122).

Isto significa que todos são capazes de aprender a se expressar musicalmente não havendo razões para a exclusão. Contudo, importa salientar que a Educação Musical é um instrumento essencial no desenvolvimento da pessoa com a Síndrome de Down, visto que, a música cria oportunidades para que eles possam vencer seus limites e desenvolver habilidades psicomotoras quanto cognitivas. Entende-se que a música age como uma função motivadora

ajudando os participantes a desenvolver a confiança em si mesmo e em suas capacidades amenizando os obstáculos que limitam o desenvolvimento do indivíduo que possuem a Síndrome.

1.5 A APRENDIZAGEM MUSICAL E A SÍNDROME DE DOWN

Algumas das propostas da Educação Musical para alunos especiais, compreende que a música é uma das formas de expressão que proporciona o aluno a experimentar sentimentos e sensações que possam vir a favorecer na aprendizagem musical, assim como promover a integração social entre eles e auxiliando nas suas relações e comunicação com outras pessoas.

Logo, a Educação Musical favorece o desenvolvimento de habilidades psicomotoras quanto às relacionadas ao processo de aquisição do conhecimento (cognição) que envolve a linguagem, a memória, o raciocínio, entre outros fatores que fazem parte do desenvolvimento intelectual.

Santos (2008), afirma que a música exerce um papel fundamental para o processo de alfabetização das crianças com Síndrome de Down, facilitando a aprendizagem em atividades que envolvem improvisações e composições espontâneas. No que diz respeito à visão da autora já referenciada,

Os conteúdos musicais, aplicados em aulas para crianças com Síndrome de Down, como para todas as crianças, de maneira nenhuma podem se resumir no aprendizado de canções, escrita e leitura tradicional. Precisa, então, ser um trabalho que considere a música como área de conhecimento e que esteja consciente do papel que a mesma pode desempenhar na formação integral do indivíduo com Síndrome de Down. Assim, a música precisa ser trabalhada a partir de experiências de criação, execução e apreciação musical (SANTOS, 2008, p. 4-5).

Levando em consideração o aprendizado da música para crianças com Síndrome de Down como para as crianças que não possuem necessidades especiais ou qualquer tipo de deficiência, França (2003), poeticamente considera a música como várias possibilidades de articulação expressiva que conduz o aluno a construir a partir dessas possibilidades e de novas experiências, uma relação íntima e de forma inteira, do objeto música com o sujeito, aluno.

A aprendizagem musical desempenha importante papel na vida de toda criança, especial ou não, ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade e desperta a consciência rítmica e estética dos sons. A música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta a capacidade criadora de cada um.

Para as autoras Ongaro, Silva e Ricci (2006), a música atinge o corpo do ser humano de duas maneiras, ou seja, “diretamente, com o efeito do som sobre as células e os órgãos, e indiretamente, agindo sobre as emoções, que influenciam numerosos processos corporais”. Nesse contexto, as autoras concluem que a música está ligada ao ser humano e deve fazer parte do meio educacional porque é um elemento fundamental para o aprendizado do aluno, um instrumento facilitador no processo de ensino aprendizagem e deve ser incentivado pela escola e professores.

Considerando o aprendizado musical em pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, nesse caso, as de Síndrome de Down, é preciso entender o que é aprender música para estas pessoas e se há interferência ou não da deficiência no aprendizado musical das mesmas. Ao ponderar os relatos que considera a música um instrumento facilitador e motivador para o desenvolvimento de qualquer pessoa, acredita-se também, que a aprendizagem musical possa ser efetiva e compreendida de forma, positiva para aqueles que possuem a Síndrome. Desse modo, as referências mencionadas acima, serão suporte para o esclarecimento de um estudo mais aprofundado no que se refere à música e a interação dos alunos com Síndrome de Down com esta prática.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresento a abordagem empregada na investigação e a descrição das técnicas e instrumentos de pesquisa utilizados no desenvolvimento do mesmo.

2.1 ABORDAGEM QUALITATIVA

A pesquisa tomou por base a abordagem qualitativa, por esta buscar interpretar e compreender a subjetividade humana, sendo o homem, sujeito da pesquisa (Freire, 2010). Por se tratar de um enfoque qualitativo, o objetivo é “descrever, compreender e interpretar os fenômenos por meio das percepções e dos significados produzidos pelas experiências dos participantes” (Sampieri, Collado e Lucio, 2013, p. 36).

Uma vez que se analisar o fazer musical na "Batucada", focando nas interações musicais dos alunos com Síndrome de Down, a abordagem qualitativa aqui apresentada é a mais apropriada para se fundamentar este estudo. Dessa forma, a pesquisa realizada é de caráter descritivo e tem como foco “estudar as características de um grupo” (GIL, 2010) e como fonte direta de dados, o ambiente natural dos alunos pesquisados, com o propósito de conhecer e interpretar a realidade dos envolvidos nesse processo investigativo, descobrindo e observando os fenômenos e procurando descrevê-los e interpretá-los.

2.2 ENTREVISTA

Haguette (1997 citado por Boni e Quaresma 2005, p. 72) define a entrevista como “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”, constituindo-se assim, como uma técnica de construção de dados para o estudo insvestigativo.

Lüdke e André (2004. p.34) lembram que “as entrevistas semiestruturadas se desenrolam a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o

entrevistador faça as necessárias adaptações”. Assim, o entrevistador tem a liberdade e flexibilidade de fazer outras perguntas com o intuito de obter mais informações sobre o assunto.

Foram realizadas quatro entrevistas, uma com a professora de música da banda, licenciada em música e especialista em musicoterapia e as outras três com os alunos com Síndrome de Down que tocam na Batucada. Nas entrevistas com os alunos os temas tratados, a partir de um roteiro elaborado (ver Apêndice 1), foram sobre as relações deles com a música, com a banda, sobre as apresentações da banda, com os amigos da banda, com a professora e da relação com a música em outros espaços que vivenciam a música. Na entrevista com a professora, conforme roteiro elaborado (Apêndice 2), os temas tratados abordaram sobre a sua formação e atividade profissional na área da música, sobre a instituição (APAE) em que exerce suas funções de professora de música e as atividades que desenvolve com os alunos da Batucada, sobre a banda, o repertório utilizado com os alunos e por fim sobre os integrantes do grupo especificamente e os alunos com SD⁴.

Durante o desenvolvimento de cada entrevista com os alunos, surgiram outras questões além do roteiro apresentado, afim de esclarecer algumas respostas dadas por eles. Assim como na entrevista realizada com a professora, outras questões foram acrescentadas no decorrer da conversa para aprofundar o tema estudado.

O registro das entrevistas foi feito por meio de gravação em áudio e vídeo para a transcrição das mesmas posteriormente. Foram entregues cartas de consentimento para a realização das entrevistas com a professora e os alunos, sendo estes menores de idade, foram devidamente encaminhadas para os responsáveis e concedido pelos mesmos o direito sobre os depoimentos, imagens e áudio.

2.3 RELATO DAS ENTREVISTAS

O agendamento das entrevistas dos alunos se deu após o consentimento dos responsáveis e foi realizada, individualmente, no dia da aula de música e ensaio da Batucada na APAE, com a autorização da instituição.

As entrevistas com os alunos ocorreram no local da aula de música em um pequeno espaço dividido por uma divisória na mesma sala. O primeiro a ser entrevistado foi Mikail de

⁴ Síndrome de Down.

26 anos e conforme combinado com a professora Nanci dias antes, ela estaria presente na entrevista do mesmo como intérprete para auxiliar no entendimento das respostas, pois durante as observações, constatei que Mikail apresentava grandes dificuldades com relação à fala. Ao iniciar a entrevista, já na primeira questão, precisei da intervenção da professora para “traduzir” o que ele falou, no entanto, percebi que ela também entendia muito pouco devido a dicção dele ser bem comprometida. Na segunda questão, o auxílio da professora não esclareceu o que ele disse, ficando subtendido que a resposta dele tanto para ela quanto para mim, era a mesma da questão um. Na terceira questão, a entrevista foi interrompida pelo coordenador da APAE que precisou retirar a professora da sala para tratar de assuntos da instituição. A partir desse momento, a entrevista com Mikail foi realizada somente por mim. Fiquei na expectativa da professora voltar e a cada pergunta a aflição aumentava, pois eu não entendia nenhuma resposta dada por ele, além de perceber que eram sempre as mesmas. Ao finalizar a entrevista com Mikail, senti um alívio e ao mesmo tempo um sentimento de não ter conseguido realizar uma das etapas do trabalho. Fiquei imaginando como seria a entrevista com os outros dois alunos logo após e se conseguiria dados suficientes para a pesquisa.



Figura⁵ 1: Mikail no dia da entrevista

Em seguida, dei início à segunda entrevista do dia, com Alan de 34 anos. Nesta, a conversa aconteceu de forma mais tranquila apesar da dificuldade de entendimento em algumas

⁵ Todas as fotos foram feitas por Renata Soares Cassini durante inserção no campo de pesquisa.

respostas mais longa por causa da dicção do aluno. As respostas direta e curta foram mais claras, porém não suficiente para esclarecer a abordagem do tema em uma futura análise.

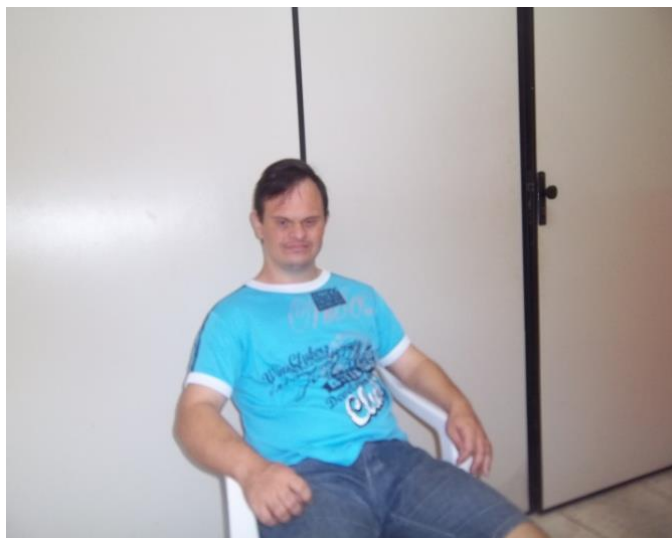


Figura 2: Alan no dia da entrevista

A terceira entrevista foi realizada com Jefferson, 30 anos, que apresentava a fala não muito comprometida. Porém no decorrer da entrevista não consegui obter muitos resultados com o entrevistado devido a vários momentos de silêncio dele entre uma pergunta e outra. Tive que refazer a mesma pergunta de diferentes formas tentando colher alguma resposta, disponibilizando assim de um tempo maior comparada às outras entrevistas realizadas anteriormente com os alunos Mikail e Alan.



Figura 3: Jefferson no dia da entrevista

Ao finalizar este processo de coleta com os alunos, ainda em campo, percebi que não tinha obtido dados suficientes para o trabalho. Assim, em conversa com a orientadora, ficou decidido entrevistar a professora da banda para obter mais dados consistentes. A entrevista com a professora aconteceu em uma escola de música, previamente agendada por mim e no horário de almoço da entrevistada, momento em que ela estava disponível.

Na entrevista com a professora pude obter dados importantes que ajudaram a entender a postura dos alunos entrevistados, como no caso de Jefferson. Após uma pré-análise da entrevista com a professora, percebi a necessidade de aprofundar algumas informações. Para isso, tentei outro agendamento, porém, não foi possível devido a compromissos da professora em outra cidade, de modo que fiz contato por meio de uma rede social e por telefone, registrei nossas conversas em um caderno de anotações.

Segue abaixo tabela que registra as entrevistas realizadas:

Tabela 1: entrevistas

Data	Entrevistado	Local	Tempo
03/09/2014 - 4 ^a feira	Mikail	APAE – Sala de música	21': 38''
03/09/2014 - 4 ^a feira	Alan	APAE – Sala de música	19': 34''
03/09/2014 - 4 ^a feira	Jefferson	APAE – Sala de música	27': 10''
12/09/2014 - 6 ^a feira	Nanci	Escola de Música	45': 21''

Após as entrevistas, a próxima etapa foi a transcrição e a catalogação de cada uma delas. A seguir, alguns trechos importantes foram selecionados para descrever os pontos de vista dos entrevistados com relação às interações dos mesmos no processo da aprendizagem musical na banda Batucada.

2.4 AS OBSERVAÇÕES

A observação como técnica de pesquisa tem sido apontada como um dos elementos fundamentais do processo de investigação, pois está presente na escolha e formulação do problema, na construção das hipóteses e na coleta, análise e interpretação dos dados (Laville e Dione, 1999). Possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador, com o fenômeno pesquisado (Ludke e André, 1986), sendo assim, uma estratégia de campo condizente à análise bibliográfica e à entrevista. Barros e Lehfeld (1986) nos mostram a importância da observação como procedimento investigativo. Para eles, a observação deve ser sucessiva, metódica, e, sobretudo imparcial.

No caso deste estudo, a observação ocorreu de forma não participante onde o pesquisador apenas presencia o fato, sem participar diretamente da situação, apenas “assiste” as ações dos sujeitos. A observação não participante, enquanto técnica qualitativa de investigar o objeto de estudo nesta pesquisa, objetiva observar as interações dos alunos com Síndrome Down, que estão sendo alvos de investigação, na tentativa de compreender e esclarecer a temática que envolve este trabalho. Observei, portanto, as aulas/ensaios e as apresentações dos alunos.

Numa ocasião, a convite dos alunos, fiz pequena participação, em uma das aulas assistidas, tocando instrumento junto com o grupo que vibraram no momento e logo depois voltei à minha condição de observadora não participante. Nas apresentações da banda, minha participação foi de público, com um olhar investigativo sobre as ações e reações dos alunos Down enquanto músicos da Batucada.

A observação foi um procedimento importante para que eu pudesse conhecer e ter um contato mais próximo dos alunos da Batucada, em especial os com síndrome de Down. Nas aulas e apresentações observadas, procurei manter uma postura de observadora não

participante, mesmo estando consciente de que minha presença era notável e de certa forma interferia no ambiente de alguma maneira.

2.5 RELATO DAS OBSERVAÇÕES

Foram realizadas seis observações, sendo três de aulas/ensaio do grupo na APAE e três durante apresentações da banda fora da APAE, conforme tabela a seguir:

Tabela 2: observações

Observações	Categoria	Local	Duração aproximada
1	Aula/ensaio	APAE	Duas horas
2	Aula	APAE	Duas horas
3	Aula/ensaio	APAE	Duas horas
4	Apresentação	Escola Municipal	Uma hora
5	Apresentação	INSS	Uma hora e meia
6	Apresentação	Teatro	Duas horas

Nesta etapa dos estudos, a observação foi direcionada à prática musical dos alunos Downs no ambiente onde eles se interagem com os demais alunos envolvidos e que também

fazem parte do grupo musical do qual participam, bem como a relação professor/aluno nesse processo de interação enquanto fazem música.

Das três aulas observadas, duas foram destinadas a ensaio do repertório da banda para apresentações agendadas durante a semana e a outra aula realizou-se atividades musicais com o grupo. Apenas dois dos alunos com SD estavam presentes na aula e ensaios da Batucada, assim como alguns integrantes do grupo também se ausentaram nos três dias. Já, nas apresentações da banda que aconteceram nos locais mencionados acima, todos os alunos estavam presentes incluindo os três alunos com SD.

Na primeira aula/ensaio, quando fui apresentada ao grupo pela professora de música, tive uma recepção muito calorosa por todos eles: ganhei abraços e beijos, providenciaram lugar para eu me assentar, me convidaram para a apresentação do dia seguinte e recebi convites para o aniversário de uma aluna da banda. Esperei que os alunos se assentassem para acomodar-me em um canto da sala e tentar não atrapalhar a aula da professora. Iniciei minhas anotações no local da observação, mas visto que, causou o interesse dos alunos em saber o que eu estava escrevendo, optei por não dar continuidade e dessa forma os registros escritos foram elaborados, portanto, fora dos locais de aulas e apresentações, para que essas informações pudessem contribuir com os futuros dados a serem coletados posteriormente. Neste ensaio, minha observação foi de não participante me mantendo em uma posição mais distante do objeto de estudo, mas atenta a todos os movimentos com relação aos participantes da pesquisa.

A segunda aula observada não teve propósito de ensaio. A professora trabalhou atividades rítmicas com movimentos corporais associados ao canto, utilizando músicas do repertório da banda. No final de um exercício de improvisação realizado pela professora que seguia a ordem da roda, quando chegou minha vez na sequência, fui “intimada” pelos alunos a tocar junto com eles e a reação de todos foi de vibração. A terceira aula, também foi destinada a mais um ensaio da banda e neste dia, observei a ação de todo o grupo, sentada em uma cadeira mais afastada da roda.

Todas as aulas/ensaios foram registradas com fotos e filmagem e nas apresentações da banda, também não foi diferente. Minha chegada às aulas e/ou apresentações foram marcadas por abraços e sempre era convidada, pelos alunos do grupo, a ficar próxima à eles, o que facilitou os meus registros com a filmagem e fotografias durante a observação. Nas anotações fora do campo de pesquisa procurei fazer relatos mais precisos dos momentos observados com

o apoio das imagens e fotos arquivadas no local, que ajudaram a estabelecer uma ponte de interação entre eu e o grupo, e, sobretudo, das interações que ocorrem entre alunos e alunos, professora e alunos, plateia e alunos, no antes, durante e depois das práticas musicais.

A partir das observações efetuadas, registrei em meu caderno de campo, momentos de descontração e de interação entre os alunos e professora antes das aulas começarem:

Mikail chega perto da professora para conversar com ela gesticulando com as mãos todo empolgado. Ela repete algumas coisas que entende e ele continua falando sem parar. Durante a conversa dos dois, ele tentava contar que foi entrevistado por mim, dizendo para ela que os amigos Alan e Jefferson também foram entrevistados. Nesta hora, entra na conversa outra aluna, querendo saber se ela também vai ser entrevistada e Mikail fala que não. Ele diz para a colega que é só os três e repete o nome dos amigos. Em seguida, outros alunos vão chegando perto de Mikail e da professora e uma pequena rodinha é formada entre eles. Querem saber sobre o que ele falou na entrevista, se eles também vão ser entrevistados e ao mesmo tempo outros assuntos vão surgindo, como fofocas de amigos da APAE (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Momentos antes da aula”).

Bate papos como o de Alan com a professora e a participação de outros alunos também foram registrados em minhas anotações:

Alan quer saber notícias de C. e pergunta para a professora quando ela vai voltar para as aulas. Ela responde que a C. está viajando e diz que conversou com ela pelo telefone antes de ir para a aula e que ela está com saudade de todo mundo. Alan sorri e fala que está com saudade dela também. Uma aluna entra na conversa e fala que a C. viajou para os Estados Unidos com a mãe dela e já tem muito tempo. Outra aluna diz que ela está passeando lá. Uma das alunas também comenta que C. terminou com Alan antes de viajar e já tem outro namorado. Nesta hora alguns alunos confirmam que ela estava namorando outro, mas que também já terminou e disseram que ela gosta de Alan. A professora entra novamente na conversa e pergunta para eles onde estão o restante dos alunos que ainda não chegaram e assim o assunto anterior se encerra (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Momentos antes da aula”).

Eles conversam em grupos, contam casos dos amigos, falam de namoros, querem saber sobre apresentações marcadas, onde e quando vão tocar. Santos (2008) ao investigar o histórico da Síndrome de Down, constatou que a criança que possui a Síndrome pode, “se relacionar socialmente, educacionalmente e musicalmente, como qualquer outra criança”, pois segundo ela, o “desenvolvimento intelectual é o mesmo, porém mais lento”, o que não interfere na interação deles com outras pessoas, neste caso, os que estão envolvidos na prática musical da

banda, ou seja, os outros alunos também com deficiência intelectual, a professora de música e a plateia.

CAPÍTULO 3

A PRÁTICA MUSICAL NA BATUCADA

Neste capítulo analiso como as interações musicais dos alunos com SD aconteceram na Batucada enquanto participavam das aulas, ensaios e apresentações públicas da banda. Ele está dividido em duas partes. Na primeira, é exposta a interação dos alunos na prática musical enquanto eles tocam, dançam, cantam e sentem a música. A segunda, traz relatos das interações vivenciadas desde a escolha do repertório, aos momentos das aulas/ensaios e apresentações realizadas pelo grupo.

A banda se constituiu a partir de convites da professora aos alunos que sobressaíram musicalmente nas aulas de música oferecidas para todas as turmas da APAE. Os alunos já se conheciam e havia uma relação de amizade entre eles, o que facilitou e contribuiu para a interatividade dos integrantes que foram escolhidos, conforme relatos da professora. Os que melhor se destacaram ritmicamente foram selecionados para fazer parte da Batucada e um dos indicativos predominante do grupo é a marcação do ritmo do baião.

3.1 INTERAÇÕES DOS ALUNOS COM A MÚSICA NA BATUCADA

As experiências com música dos integrantes da Banda na APAE iniciam bem antes da aula. Ela começa no percurso dos alunos à sala de música, local onde as aulas e ensaios são realizados. No trajeto, que se inicia na recepção da APAE, presenciei momentos de batucadas de alguns alunos, no próprio corpo, ao subirem a rampa; conversas descontraídas com os colegas e professora sobre músicas que cantam na aula, além de outros assuntos; alunos que param para escutar a música que está tocando no rádio do colega enquanto espera na sacada próximo à sala, o restante do grupo aparecer, assim como testemunhei alunos ajudando amigos com mais dificuldade de se locomoverem, até a sala. Aos poucos vão entrando e se acomodando em cadeiras dispostas na sala em forma de roda, para então a aula começar.



Figura 4. A caminho da sala os alunos param para conversar com a professora.

3.1.1 Tocando: o baião e outros estilos

Na observação, verifiquei que todos os alunos têm instrumentos já definidos no grupo, inclusive os com SD. Dos instrumentos executados por eles, Mikail e Jefferson tocam o repinique, de acordo com eles, chamado de tambor e Alan toca a meia lua e cajon. Os instrumentos utilizados pelo grupo são o timbal, repinique, tambor, conga, triângulo, pandeiro, meia lua, agogô e uma flauta doce. Todos estes foram apresentados à Batucada pela professora e no momento de execução das músicas são escolhidos pelos próprios alunos que têm a liberdade de optar para tocar o que gosta.

Contudo, nas aulas Nanci faz questão que os alunos executem outros instrumentos para que possam experimentar outras sonoridades, o que é bem aceito por todos eles. Porém, nos ensaios que antecedem as apresentações da banda, os alunos tocam somente os instrumentos já escolhidos e definidos por cada um deles, conforme conta a professora: “apresentei os instrumentos que tem lá, tem muito tambor, né, então eles escolhem. Tem essa liberdade, porque como o grupo já foi selecionado, então todos ali de certa forma tocam direitinho, tocam bem e a proposta é bem executada. Então, eles têm essa liberdade de tocar” (Nanci).

Nas aulas de música que estive presente, os alunos com SD não trocaram de instrumento e os mesmos foram executados por eles nas apresentações que presenciei. Nas entrevistas, os alunos comentaram sobre os instrumentos que tocam. Jefferson, disse que toca também pandeiro, mas prefere mesmo o tambor, além de gostar do violão (que tem em casa, mas não toca ele na banda). Alan, além da meia lua, toca violão em casa e para os amigos do grupo. Mikail manifestou, em vários momentos da entrevista, a sua vontade de tocar teclado demonstrando por meio de gestos, mas no grupo executa somente o tambor. Trechos da entrevista relata a fala dos alunos Jefferson e Alan:

Renata: Qual é o instrumento que você toca?

Jefferson: Tambor

Renata: E você só toca o tambor na banda ou você toca outro?

Jefferson: Só tambor

Renata: Qual outro instrumento você gosta de tocar aqui na banda?

Jefferson: Pandeiro (fez o gesto com as mãos)

Renata: Você também gosta do pandeiro!? Nas apresentações você toca qual instrumento?

Jefferson: Tambor mesmo (fez o gesto com as mãos)

Renata: (...) Como é que você faz pra ensaiar em casa!?

Jefferson: Tem violão

Renata: Você tem violão na sua casa!

Jefferson: Tem

Renata: E você toca violão?

Jefferson: Toco

Renata: E porque você não traz ele pra banda pra você tocar!?

Jefferson: Tá sem corda

Renata: E qual é o instrumento que você toca?

Alan: De... A lua

Renata: E você toca só ele?

Alan: Só ele

Renata: E quanto tempo faz que você toca esse instrumento, que é a lua?

Alan: Eu toco na, na, na (fez o gesto de tocar violão)

Renata: Você toca violão?

Alan: Eu toco violão

Renata: Você tem o violão em casa?

Alan: Na casa tem (balançando a cabeça que sim)

Renata: E aqui na Batucada, você também toca violão?

Alan: Toco (sorriu)



Figura 5: Mikail no tambor



Figura 6: Alan tocando Cajon



Figura 7: Alan e a meia lua em apresentação da escola



Figura 8: Jefferson e o tambor em apresentação do INSS

Nas observações percebi que o baião é usado em todas as músicas e instrumentos. Sobre isso, Nanci afirmou que está associado à compreensão musical deles, sendo o baião, o gênero que eles melhor incorporaram durante a prática musical. Em sua fala, percebe-se que essa aproximação dos alunos com o baião também está ligada ao histórico musical da professora como revela o trecho abaixo, em que ela conta como e por que selecionou alguns ritmos para trabalhar com a banda:

Eu comecei com ritmo binário, a gente fazia um som, beleza. Aí o ritmo quaternário também, tranquilo. Quando eu ofereci um ritmo ternário, aí eles tiveram muita dificuldade, aí eu já descartei. Tentei algumas vezes, algumas músicas ternárias e não deu certo e o ritmo composto... então nem se fala, porque um entendia de uma forma, o outro de outra forma, aí o outro entendia de outra forma, aí não deu em nada. Então, como eles pegaram binário e quaternário, ficamos dentro disso. Desse universo do quaternário, vamos colocar assim, é, eu ofereci vários ritmos e principalmente ritmos da nossa cultura, lógico, né, e, como eu também sou de família nordestina, a minha história musical é muito de ritmos de lá do Nordeste, então sempre eu oferecia... não deixei de oferecer um samba, né, que é mais complicado. [...]. Talvez até porque eu ofereci primeiro o quaternário e eles assimilaram melhor, e dentro do repertório, então, como o repertório era bem popular, tinha sertanejo, Amado Bastista, então eu achei que o baião ia se encaixar bem. Então eu ofereci o baião com algumas variações, um coco, as vezes uma ciranda, um samba de roda, ofereci algumas variações e depois a gente voltava ao baião. Mas aí quando eles assimilaram o baião mesmo, aí acabou, ficou o baião: catumtum tum, catumtum tum. E ficou assim.

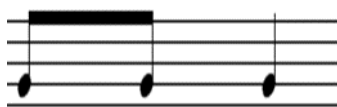


Figura 9: Ritmo executado na Batucada

O ritmo demonstrado acima está presente em todas as canções de estilos musicais diferentes dos quais o grupo toca e os alunos não apresentam dificuldades em executá-lo em nenhum deles. Sobre o *Funk*, este estilo musical também é executado pela mesma batida e ritmo em todos os instrumentos, assim como nas outras músicas tocadas pelos alunos. A professora diz o seguinte ao introduzi-lo na prática musical da banda:

(...) vamos desacelerar um pouco o baião pra gente poder encaixar e vamos tentar. E na hora que a gente toca o *Funk*, aí eles dançam, eu canto a música, e a E. faz o *beat box* do *Funk* e pra ficar com a cara do *Funk* mesmo. Eles tocam o baião, fica um ritmo híbrido e fica muito legal [...] e dá aquela bagunça que fica legal na hora (risos).

Às vezes, alguns alunos aceleram o ritmo durante a prática, mas essa variação de andamento não interfere no momento que eles se interagem enquanto tocam e as músicas fluem normalmente, sem interrupção. Percebe-se que a intenção da professora é de socializá-los durante a prática e não de corrigi-los enquanto a música acontece entre eles. Nessa situação, Nanci convida os alunos a dançarem, incentiva o canto na aula e oferece outros instrumentos estimulando a troca entre eles. As interações nesse momento são evidenciadas no grupo através de experiências que envolvem o contato e a integração dos alunos com a expressão da dança, do canto e a exploração de sons.

3.1.2 Dançando: aproximação com os amigos

Conforme a música vai se construindo, alguns alunos se empolgam e levantam para dançar, sozinhos ou em duplas, como casais que dançam no centro da roda, enquanto os outros continuam tocando e cantando. Como observadora pude constatar que no momento da dança, a interação entre os integrantes do grupo acontece livremente e se desenvolve no auge da emoção de cada um deles.

De acordo com a professora, a dança surgiu de forma espontânea. Os três alunos com Síndrome de Down que têm uma participação diferenciada no momento da dança. Além de dançarem nas aulas, são os dançarinos do sexo masculino oficiais da banda em várias canções que a Batucada toca durante as apresentações que realizam na APAE ou em outros locais. Um dos pontos da entrevista a professora diz que:

(...) quando o clima vai esquentando lá na aula, ali, eles vão se levantando e dançando e aí eu vou perguntando: “você quer dançar com alguém?”. “Não, só danço sozinho”. “Então beleza, dança sozinho!” Aí eu saio perguntando: “alguém sabe dançar aqui? forró?” Dos meninos, o Alan é maravilhoso! Alan é fantástico! Teve uma das apresentações que a gente fez, tinha uma das professoras e ela disse: “ah não, hoje você vai dançar comigo, eu que vou dançar com você, Alan!” E ele dança não é só forró não...ele dança um monte de outros ritmos.

Na entrevista, os alunos declararam que gostam de dançar. Alan diz que para dançar ele convida a menina e a professora confirma a fala do aluno acrescentando que ele dança vários ritmos na banda com desenvoltura, mas gosta mesmo é do forró, de “dançar abraçadinho” ... mas no momento do *Funk* ele volta a tocar o seu instrumento (meia lua) porque não gosta desse

estilo. Já os alunos, Jefferson e Mikail, também dançam o forró, mas preferem e dançam melhor o *Funk*.

Recorte das entrevistas descreve trechos das falas dos alunos sobre a dança na Batucada:

Renata: O que você gosta nas aulas de música?

Jefferson: Eu danço

Renata: Você dança?

Jefferson: Danço

Renata: Você dança também?

Alan: Sim (balançando a cabeça)

Renata: Como é que é dançar na banda?

Alan: Mais ou menos a gente tá... tá dançando lá.... Na banda a menina dança comigo...

Renata: E é você que escolhe os seus amigos que dança?

Alan: É

Renata: Você que vai lá e chama. Vem dançar comigo?

Alan: Eu chamo

Renata: Alguém falou pra você dançar ou você que quis dançar?

Alan: Eu que queria dançar



Figura 10: Alan dançando forró no ensaio



Figura 11: Mikail dançando forró no ensaio



Figura 12: Mikail e Jefferson dançando *funk* na apresentação do INSS



Figura 13: Dançando *Funk* na apresentação do Teatro

3.1.3 Cantando: síntese de interações

Além de tocar e dançar, o canto também faz parte das aulas de música e das apresentações públicas da banda. O cantar acontece espontaneamente entre os alunos com a participação das vocalistas, aluna E. e professora, no entanto, alguns cantam e tocam ao mesmo tempo, outros só tocam e não cantam. Para a professora, é uma dificuldade deles mesmo devido às limitações da deficiência e não “uma questão de gostar ou não de cantar”. De acordo com ela, quando é para todos cantarem sem instrumentos a maioria participa, mas quando juntam os dois, instrumento e voz, muitos deixam de cantar e somente tocam:

(...) eu estou achando que é dificuldade, porque quando a gente vai fazer sem instrumento nenhum, aquele dia da pesquisa: ô fulano, fala aí uma música aí que você gosta. Como por exemplo, quando a gente estava trabalhando música romântica, todos falam e lembram da música, mas na hora de tocar e cantar nem todos conseguem. Então é mais uma dificuldade mesmo do que uma questão de gostar ou não de cantar.

Tanto Mikail quanto Alan, apresenta a mesma opinião com relação ao canto. Ambos gostam de cantar apesar de apresentarem dificuldade na dicção e comprometimento na fala. Na entrevista com Alan, ao perguntar sobre o canto, imediatamente ele cantou trechos de algumas canções para mim, dentre elas, a música “Estou Apaixonado” (Faixa 1 do CD em anexo). Mikail apenas falava que gostava de cantar demonstrando com gestos de segurar o microfone. Já, Jefferson, o aluno que apresenta a melhor dicção dos três, em todos os momentos da entrevista, deixou bem claro que apenas toca e dança e não gosta de cantar. É possível evidenciar sobre esse aspecto em alguns trechos das falas dos alunos:

Renata: Você falou que gosta de dançar, né?
 Jefferson: Balançou a cabeça que sim
 Renata: E de cantar?
 Jefferson: Disse não com a cabeça
 Renata: Porque que você não canta? Quando você toca, você não canta não?
 Jefferson: Disse não com a cabeça
 Renata: Você só toca?
 Jefferson: É
 Renata: Você só gosta de dançar e de tocar?
 Jefferson: É
 Renata: Não gosta de cantar, porque?
 Jefferson: Disse não com a cabeça
 Renata: Você canta também?
 Alan: Canto
 Renata: E você gosta de cantar?
 Alan: Gosto
 Renata: E quais as músicas que você gosta de tocar e cantar?
 Alan: A letra da música (sorriu)
 Renata: Quais?
 Alan: Estou apaixonado, esse amor é tão grande e penso em você a todo instante.
 Renata: Você toca e canta junto?
 Alan: Junto (balançando a cabeça que sim)

A professora concorda com a afirmação do aluno, dizendo: “Jefferson nunca mostrou interesse em cantar, nem quando a gente faz esse canto em grupo nas aulas. Ele fica sempre calado mesmo, talvez não seja nem por dificuldade, mas porque ele não gosta mesmo”.

É possível perceber a interação dos alunos na prática de canto em conjunto associados a processos de ensino e aprendizagem trabalhados nas aulas ministradas pela professora, como por exemplo, em exercícios que ela utiliza o canto e movimentos do corpo, pé e mão marcando o pulso. Os alunos observam o outro, imitam a professora, riem deles mesmos, ajudam, incentivam e corrigem o colega. Um trecho de minhas notas de campo registram um desses momentos:

(...) Primeiro, ela mostra fazendo as batidas do pé, dizendo direita, esquerda e nessa hora a professora se aproxima de alguns alunos para mostrar qual é a perna direita e qual é a esquerda. A aluna E. que está próxima da professora também ajuda um colega mostrando o lado direito e esquerdo dele. O exercício continua por algumas vezes. Os alunos fazem a sequência falando pé, pé, perna, perna, para, para, palma, palma e E. imita a professora o tempo todo repetindo todas as falas dela com relação à atividade. Depois de algumas repetições, a professora pede para todos se assentarem e o mesmo exercício é repetido: pé, pé, perna, perna, para, para, palma, palma, porém, com a inserção de uma meia lua. Enquanto todos do grupo fazem a sequência, a meia lua vai passando de aluno para aluno que deve tocá-lo improvisando algum ritmo dentro do pulso da sequência rítmica executada pelo restante. Nessa hora, a aluna E., comandava junto com a professora a contagem e falava o nome do próximo aluno da sequência. Uma das alunas, quando chegou a sua vez passou a meia lua para frente fazendo gestos com o dedo que não ia tocar. Imediatamente os amigos se manifestaram dizendo palavras de apoio: vai C., vai! você consegue! Né difícil não! A aluna pega a meia lua de volta e realiza a atividade que depois continua até todos os outros tocarem (...) (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Sala de música, Aula 2”).

Em momentos como este, parece que a professora trabalha aspectos cognitivos, como a concentração, a fala, a percepção, a memória, concentração, à vivência corporal e ao mesmo tempo a socialização na banda. Nesses exercícios percebe-se, a intenção da professora em proporcionar a integração dos alunos fazendo com que eles vivenciam corporalmente e participam de todas as ações durante as aulas de música.

Alan e Mikail são alunos ativos no que se refere ao canto. Quando a turma é solicitada pela professora a dar sugestões de músicas para serem cantadas na aula, eles são os que contribuem com exemplos de canções, assim como ajudam a iniciar e sustentar o canto com o grupo junto com a professora e a aluna vocalista da banda. Em minhas anotações, o seguinte registro:

(...) A professora pergunta: vocês conhecem alguma música que dá pra gente fazer isso? Pensa em alguma música que dá pra gente fazer com isso: pé, pé, perna, perna, para, para, palma, palma. Nessa hora, uma aluna disse: deixa eu procurar aqui no meu celular e tirou o aparelho do bolso. Alan que estava do lado da aluna, também ajudou a procurar. Enquanto isso, o aluno Mikail começou a cantar “Buscai primeiro o reino dos céus”. A professora disse: eu acho que essa dá. Você me ajuda a cantar então Mikail? Em seguida, ele iniciou o canto, a professora o seguiu e todos foram acompanhando junto com a sequência rítmica (...) Alan, tocando a meia lua, canta a música “Estou apaixonado” (Faixa 1 do CD em anexo), junto com a professora e depois continua o canto sozinho (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Sala de música, Aula 2”).

Em outro trecho de minhas notas de campo, registro a dinâmica em uma das aulas que observei:

Enquanto o canto acontece, Alan pega a meia lua e alguns instrumentos vão sendo entregues pela professora, distribuídos de forma aleatória. A princípio, utiliza-se poucos instrumentos e esses vão sendo repassados para os outros alunos que ainda não tocaram. Nesse momento, a interação entre eles acontece quando quem está com o instrumento escolhe alguém para tocá-lo. Nota-se que todos são amigos e esta escolha se dá involuntariamente, enquanto, isso, há alunos que mantêm o ritmo e o pulso sem fazer essa rotatividade, como Alan e Jefferson, que apresenta uma boa coordenação nas atividades executadas durante as aulas (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Sala de música, Aula/Ensaio”).

Percebe-se que os dois alunos Downs, Alan e Jefferson, apresentam habilidades rítmicas nas atividades que se trabalha a coordenação, a sincronia dos movimentos rítmicos, a memorização e repetição, como nos exercícios de palmas e de instrumentos exposto acima. Ambos têm facilidades em memorizar e repetir as sequências, de mover pernas e braços independentemente um do outro nas atividades que utiliza o corpo, bem como executam os instrumentos demonstrando domínio das batidas rítmicas sem atravessar o pulso.

Para Viana e Fonterraba (2009), as atividades musicais para Síndrome de Down, que envolve o canto, a dança e o tocar instrumento, possibilitam promover e estimular a fala, os sentidos e a expressão corporal, sendo que a percepção, comunicação, concentração, criatividade, sensibilidade, sentido rítmico, memória, trabalho em equipe, respeito ao próximo, bem como a socialização, apresentam uma evolução positiva a partir deste contato com música, ao mesmo tempo proporciona a interatividade deles no ambiente em que estão se relacionando.

3.1.4 Sentindo: emoções compartilhadas

Outro aspecto percebido nas entrevistas com os alunos e também mencionado pela professora é o sentimento de emoção que invade todos do grupo. Eles se emocionam com músicas de letras românticas, choram, alguns param de tocar durante as aulas e apresentações. Para Nanci, a aula de música é a oportunidade que eles têm de extravasar e liberar os sentimentos, porque é no momento da música que o despertar de emoções contidas e omitidas são manifestadas e expostas. Segundo ela:

... é um lugar pra catarse mesmo (...) ali é o momento que aquela emoção vem à tona (...) porque são eles é que estão executando (...) essa parte corporal é muito forte (...) os amores ali são muito proibidos, são muito reprimidos, por todos os motivos que a gente já imagina, pela família, pela própria escola (...) é uma parte muito dolorosa pra eles, essa parte do amor, assim como se fosse falar de profissão, porque todos ali querem ter uma profissão (...) se for entrar nessa questão eles vão se emocionar também, então, quando a música traz essa questão do amor, da paixão, aí eles se emocionam mesmo, porque eles sofrem.

A música parece que também desperta emoções relacionadas às experiências familiares, como ocorre com Jefferson, que na época desta pesquisa estava em luto pela perda do pai. Quando na entrevista perguntei o que ele sentia quando tocava as músicas na Batucada, ele fez um momento de silêncio e respondeu: “Meu pai... Ele morreu”. Neste instante, compreendi o motivo de seu silêncio em várias partes da entrevista, especificamente nas perguntas relacionadas aos sentimentos onde tive dificuldades de obter suas respostas. Certamente lembrava-se do pai, que faleceu há pouco tempo.

Segundo a professora, quando Jefferson começou a tocar na Batucada o pai dele já estava doente e nunca o viu tocar na banda. Disse, que Jefferson sempre foi expansivo e alegre, mas após a morte do pai, ficou mais triste, mais calado, mais introspectivo e é um dos alunos que durante os ensaios e apresentações, para de executar o seu instrumento porque se emociona. A esse respeito ela relatou uma cena ocorrida em uma das apresentações:

Teve um dia que o Jefferson teve uma apresentação, e foi logo após que o pai dele faleceu, e no meio da apresentação o Jefferson desceu. A gente estava no palco, né, e o Jefferson desceu e estava no auge da música. O Alan estava dançando com a N., aí, então no meio da música eu fui fazendo o gesto pra eles irem diminuindo, diminuindo, pra não ter aquele corte brusco, né, até que paramos. Mas quem estava assistindo talvez não tenha percebido que terminamos antes da hora, mas os meninos levaram aquele susto. Aí sem eu falar nada, na hora que terminou a música, o Alan largou a N. e foi lá e abraçou o Jefferson. Aí foi um por um: descendo e dando um abraço no Jefferson. E eles sabiam porque Jefferson estava chorando e aí foi o que eu te falei daquele momento da catarse mesmo. Aí eles explodiram e botaram tudo pra fora.

A professora relatou que, após o ocorrido, os alunos não conseguiram mais tocar e então, encerrou-se a apresentação.

Os alunos com SD são participativos em todos às práticas musicais da banda, bem como, em situações como a descrita acima. A ação de Jefferson, de sair no meio da apresentação, levou Alan a abraçá-lo, e conseqüentemente todos os integrantes da banda o seguiram, levando-os a um sentimento de solidariedade. Vejo, que essas formas de interação que acontecem na

Batucada, espontaneamente, reforçam as aproximações entre os alunos no grupo. Na prática musical, eles demonstram essa emoção, sorrindo, chorando, quando deixam os instrumentos para dançar, quando param de tocar e ficam quietos.

Em algumas canções trazidas pela professora e pela turma, assisti a emoção de alguns alunos ao cantá-las e a solidariedade da turma com os mesmos. Quando um aluno começa a chorar em determinada música, o primeiro que percebe, para de tocar e procura saber o que está acontecendo e assim por diante, até todos do grupo pararem de tocar. Há aqueles que também compartilham do mesmo sentimento e choram junto, outros fazem comentários para ajudar o colega, outros ficam em silêncio demonstrando respeito pelo amigo e nesta hora, a professora procura saber o que está acontecendo, vai até o aluno, diz palavras de conforto e conversa com todo o grupo. A prática musical é interrompida por alguns instantes, até a turma se restabelecer, depois volta ao normal e as atividades têm continuidade sem comprometimentos na execução das mesmas. Segundo a professora: “eles são assim, é juntos pra chorar, juntos pra sorrir, pau pra toda obra, sabe, a turma é muito unida, muito. A turma é maravilhosa”.

Em minhas anotações, registrei as seguintes impressões de um ensaio assistido:

A professora lembra os alunos sobre a apresentação final que a banda vai realizar no teatro da cidade. Enquanto isso, ela conversa com a turma sobre as músicas que eles vão tocar no dia da apresentação. Uma das alunas logo avisa que não pode ser música romântica e em seguida outros alunos se manifestam concordando com a colega. Nesse momento, surge uma discussão sobre o que tocar e o não tocar. O aluno que estava do meu lado, também se manifestou e disse à professora: “se for música romântica ninguém vai conseguir”. Eu perguntei para o aluno: “por que ninguém vai conseguir?” Ele respondeu: “porque todo mundo vai chorar”. Perguntei para Alan que também estava do lado: “e pra você, Alan, pode ser música romântica?” Ele respondeu com o gesto de não com a cabeça. Eu perguntei: por que não? Ele: “ninguém consegue tocar” (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Na sala de música”).

Sobre isso, a professora mencionou durante a entrevista: “Sempre faço uma pesquisa, um levantamento, né, inclusive você viu lá Renata, que eu estou tentando fazer no fim do ano uma apresentação com eles em cima de músicas românticas, mas estou achando que não vai dar certo” (risos).

Nessa dinâmica, a colaboração entre professora e alunos, permite que ações sejam partilhadas de maneira que a construção da aprendizagem, neste caso a da prática musical, ocorra de forma conjunta (TASSONI, 2000).

3.2 REPERTÓRIO, ENSAIOS E APRESENTAÇÕES MUSICAIS: INTERAÇÕES NO PROCESSO MÚSICO-PEDAGÓGICO

3.2.1 Repertório

A Batucada possui um repertório eclético que varia desde as músicas antigas às mais atuais e contemplando diversos estilos e gêneros musicais, tais como: o sertanejo com as músicas fuscão preto, cabelo loiro, estou apaixonado, pense em mim, algumas canções de Amado Batista, Lucas Lucco, Luan Santana, Jorge e Matheus; músicas românticas de Roberto Carlos e Fábio Junior; o *Funk* com o beijinho no ombro, lepo lepo; músicas sacras e as canções nordestinas. Esse gosto musical diversificado é devido à banda ser composta por alunos que apresentam idades variadas, entre 14 a 60 anos, fazendo com que o repertório seja bem versátil.

O repertório é assunto dos alunos desde a caminhada que fazem dentro da APAE até chegarem à sala de música. No trajeto para sala, alguns alunos conversam entre eles e com a professora sobre o que vão cantar na aula e nesse momento é possível perceber a interação entre eles e o entusiasmo de poderem tocar as músicas. Ao participar dessa cena, registrei o ocorrido em minhas anotações:

Subindo a rampa com os alunos, vi que alguns deles queriam saber o que a professora ia cantar na aula. Uma das alunas pediu a música “Pense em mim”. Outra aluna disse que não ia cantar “Pense em mim” porque brigou com o namorado (que também faz parte da banda) e que depois contava porque eles brigaram. A professora achou graça da situação e continuou a caminhar com os alunos. Ainda subindo a rampa, a professora percebeu que um dos alunos estava com o fone de ouvido e perguntou: “D., você trouxe o seu rádio hoje? Ele respondeu que sim. A professora perguntou o que ele estava escutando e ele disse: “Mc Leozinho”. Nessa hora a professora sugeriu que eles podiam cantar e tocar um *funk* na aula e continuaram trocando ideias sobre as músicas e outros assuntos enquanto aguardavam os demais alunos subirem (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “percurso para a aula”).

Enquanto os alunos aguardam a chegada de todos os colegas e o início da aula, a conversa iniciada fora da sala prevalece no espaço da aula e o repertório é um dos assuntos entre eles. As músicas românticas tem a preferência da maioria, inclusive dos alunos com SD. Destacando os cantores: Roberto Carlos, Fábio Júnior, Leonardo, Bruno e Marrone, Gustavo Lima e Luis Gonzaga.

Alan, na entrevista afirmou que gosta de cantar e tocar música romântica. Como exemplo ele citou o cantor Roberto Carlos e demonstrou com um sorriso no rosto, cantou um trecho da música: “Pra te falar, as palavras não sei dizer, como é grande, o meu amor, por você” (Faixa 2 do CD em anexo). Ele cantou mais duas músicas, no entanto, não consegui compreendê-las por causa da sua dicção.

Outro aluno entrevistado, Jefferson, também se referiu a alguns estilos musicais que têm preferência. Entre eles, citou a música “Zaqueu” de Régis Danesi, Bruno e Marrone, Sérgio Reis, Camisa Suada, a música “Pense em mim” do cantor Leonardo e Fábio Junior. A seguir, trechos da entrevista com este aluno:

Renata: E quais são as músicas que você gosta de tocar aqui com a banda?
 Jefferson: Zaqueu
 Renata: Você gosta desse estilo de música?
 Jefferson: Sim
 Renata: Quais outras músicas que você gosta?
 Jefferson: Bruno e Marrone
 Renata: Você gosta de sertanejo?
 Jefferson: Gosto (sorriu)
 Renata: Você já falou Bruno e Marrone, já falou Zaqueu, tem mais?
 Jefferson: Leonardo...Sérgio Reis...Camisa suada
 Renata: Eu escutei vocês tocando também, Fábio Junior. Você gosta de Fábio Junior?
 Jefferson: Eu gosto (sorriu)
 Renata: Você gosta de música romântica?
 Jefferson: Gosto

É visível a felicidade dos dois alunos em falar das músicas que gostam de executar nas aulas e nesse momento ao serem questionados sobre o repertório que tocam na banda, ambos sorriram e responderam essas questões com mais desenvoltura e satisfação.

Tanto nas observações, quanto nas entrevistas, ficou claro que o gosto musical pelo sertanejo é unânime na Batucada e as letras das canções que retratam o amor são as mais requisitadas durante as aulas, embora não as únicas. Para complementar, Nanci disse sobre a preferência musical dos alunos:

em primeiro lugar é Amado Batista, primeiríssimo lugar (risos), depois vem Roberto Carlos e o que também tá na mídia, né, Funk. Aí tem uma turma que gosta de Funk e outra gosta de sertanejo, né (risos), por exemplo, Lucas Lucco, Gustavo Lima. O que tá na moda eles escutam. E tem a turma das antigas, né, tipo assim, fuscão preto, as antigas do Roberto Carlos (...). Agora tem uma turma lá que é Gospel, né (...).

A escolha do repertório utilizado nas aulas e nas apresentações é feita pelos próprios alunos junto com a professora. As preferências dos alunos são expressas e eles executam o que gostam e levam de sugestões para as aulas, sendo assim, constantemente a professora faz uma pesquisa sobre o que os alunos estão ouvindo e gostariam de tocar na aula de música e apresentações.

Como há preferência por alguns cantores de estilos variados em decorrência da variação de idades entre os integrantes da banda, procurei saber se essa variedade traz alguma rejeição por parte dos alunos em não quererem realizar as atividades, ou seja, as de tocar, cantar ou dançar. Ao ser, indagada sobre a utilização de um repertório mais antigo e outro mais atual na prática musical dos alunos, por se tratar dessa faixa etária diferenciada entre eles, a professora declarou:

nunca deu problema, Renata, às vezes quando o pessoal fala música de igreja, é assim que eles falam, né, música de igreja. As vezes quando alguém começa a cantar música de igreja, aí uns reclamam, mas aí eu falo: “não gente, nós também vamos à igreja. Vamos ter nosso repertório gospel e nosso repertório de música popular”. E eles aceitam numa boa. Aí eles respeitam e cantam tranquilamente e dançam. Por exemplo, em uma apresentação a gente faz, a gente mistura, a gente coloca uma música do Roberto Carlos, uma música gospel e termina com um forró, baião, por exemplo, na mesma apresentação, sem problema nenhum.

Na escolha do repertório pode ser evidenciado às interações dos alunos no grupo. A definição das músicas, principalmente quando é para escolher o repertório para apresentação, gera debate de toda a turma e a opinião de um aluno é ouvida pelos demais que também dão sugestões a favor ou contra.

Percebe-se que quando há afinidades entre os gostos musicais de um aluno para o outro. A aproximação deles é mais evidenciada no grupo, como por exemplo, os três alunos que dançam o *Funk* nas apresentações, sendo dois deles, Jefferson e Mikail, estão sempre juntos, sentam pertos um do outro durante as aulas e por coincidência gostam de tocar o mesmo instrumento. No entanto, as afinidades opostas em relação a alguns estilos musicais não interferem no relacionamento de amizade que há na Batucada, visto que, no grupo todos se respeitam.

O repertório é um dos aspectos que contribui na aprendizagem musical dos alunos, atuando como fator motivador ou não motivador em todo o grupo. Como também mencionado,

sobre as emoções na prática musical, a relação de afetividade que surge com as músicas escolhidas, de certa forma determina o desempenho do aluno durante a sua performance. Ele só vai conseguir realizar as atividades musicais se estiver bem emocionalmente, caso contrário, outros sentimentos vêm à tona fazendo com que eles não consigam executar os seus instrumentos, cantar ou até mesmo dançar.

3.2.2 Ensaio: vivência de interações

O ensaio da Batucada é o momento que a banda coloca em prática o repertório visto durante as aulas, sugere as músicas para a apresentação, além de discutir assuntos que surgem paralelamente ao fazer musical.

Presenciei em uma das aulas/ensaio, a euforia dos alunos com a expectativa de uma apresentação. A conversa entre os alunos e professora flui naturalmente, dúvidas e sugestões são expostas pelo grupo. Em minhas anotações há um trecho onde registrei a seguinte cena:

A professora anuncia e relembra à turma da apresentação que eles vão fazer em uma escola no dia seguinte e a primeira reação dos alunos foram as perguntas. Alguns querem saber o que vão cantar, outros, onde é a escola, quem vai estar lá, como eles vão para o local, se o Zé Roberto (motorista da APAE) vai passar na casa deles, quem vai levar os instrumentos, que horas começa a apresentação, a que hora ela termina, quem vai buscar quando acabar e como eles vão voltar para casa. A professora pacientemente, sorrindo, responde a todas as perguntas enquanto escuta a mesma questão várias vezes dos alunos e diz para a turma que vai ser do mesmo jeito das outras vezes, já está tudo combinado na Secretaria e que eles vão receber um bilhete para mostrar para os pais (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Ensaio para a apresentação”).

De acordo com a professora, é de costume os alunos levantarem estas questões quando tem apresentações agendadas. Eles ficam entusiasmados, gostam de tocar para outras pessoas e essa reação deles em aulas que antecedem apresentações é natural de toda a turma.

Há alunos que se aproximam da professora para contar fatos como descrito abaixo:

A aluna (a que estava brigada com o namorado) chega perto da professora e se mostra preocupada porque ela acha que não vai poder ir para a apresentação. Ela disse apontando para um dos amigos da banda que ele já avisou que não vai porque está cansado e se ele não fosse ela também não podia ir. A professora tranquilizou-a dizendo que ia conversar com ele, mas a

aluna não parava de falar e queria que a professora conversasse com o amigo dela naquela hora, porque ela queria tocar na apresentação. A professora disse que depois conversava, mas avisou que se ele estava cansado talvez ele não ia mesmo e pediu a ela que se sentasse, para não ficar preocupada e que depois resolveria o caso dos dois (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Ensaio para a apresentação”).

Conversando com a professora, depois do ensaio finalizado, soube que a menina que estava preocupada com a possível ausência do amigo na apresentação, só tem a permissão da mãe para sair de casa com a banda quando esse amigo a acompanha. Eles são vizinhos e as famílias são amigas. Às vezes ele costuma faltar a algumas apresentações, pois conforme a professora, ele é o aluno de idade mais avançada da banda e sempre diz estar cansado e quando isso acontece nenhum dos dois comparecem nas apresentações. Sobre isso, registrei outra cena com a mesma aluna:

No final da aula, enquanto a professora ajeita a sala, o mesmo episódio se repete e a aluna sai e volta várias vezes falando a mesma coisa. Em uma das voltas a sala ela disse à professora que tinha acabado de falar com o amigo e que ele não ia mesmo porque estava muito cansado e pediu que a professora ligasse para a mãe dela, porque ela queria ir para a apresentação dançar, mas não com o namorado, e sim, sozinha. A aluna também pergunta se a professora vai conversar com o amigo e ela disse que vai. (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Ensaio para a apresentação”).

Percebe-se que há um envolvimento da professora em situações como esta de tentar solucionar esses fatos ocorridos em sala. Ela se propõe em ajudar, há diálogo entre eles, respeito e confiança dos alunos para com ela. Nos ensaios, a escolha das músicas acontece espontaneamente e com a participação dos alunos. Na observação, constatei que a professora inicia-se o canto com uma das músicas do repertório deles e os alunos entram cantando junto, porém sem os instrumentos. À medida que o canto se desenvolve os instrumentos são distribuídos por ela, a cada um, mostrando como se executa. Nessa hora, mistura-se canto e o som dos instrumentos e o efeito é de uma densidade gradativa. Nesse momento, percebe-se o envolvimento dos alunos durante a execução, demonstrada na forma como conduzem os seus instrumentos. Eles percebem a progressão dos sons e são contagiados por uma animação que é demonstrada no momento da performance de cada um.

A música termina, inicia-se outra e assim por alguns minutos da aula, o canto e a Batucada vai tomando conta do ambiente. Enfim, quando termina esse aquecimento, a

professora pede sugestões de outras músicas e aí vem a participação dos alunos. Em minhas notas de campo, escrevi:

A professora, com um pequeno gesto deu sinal com as mãos que ia encerrar a música, contou um, dois, três, quatro e todos os alunos pararam ao mesmo tempo. Aquele volume alto do som dos instrumentos deu lugar ao silêncio por alguns segundos. A professora pergunta: “e agora, o que vamos cantar?” Um dos alunos sugere a música “Alma Gêmea” de Fábio Júnior, outros apoiam a sugestão do colega e a professora pergunta: “pode ser?” E todos concordam. Novamente contou de um a quatro para dar o sinal de entrada e a Batucada voltou a tomar conta da sala (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Ensaio para a apresentação”).

E assim é definido nos ensaios o repertório das apresentações. O que os alunos sugerem e cantam nesse dia é levado para o dia do evento com a intenção de que as músicas se concentrem nas escolhidas durante o ensaio que antecede a apresentação da banda. De acordo com a professora, no dia que a aula torna-se ensaio, são cantadas somente as músicas que o grupo já sabe, sendo as músicas novas, aprendidas em dias de aula comum.

Outro aspecto de destaque é a participação dos alunos durante a prática musical. Nesse momento, eles se manifestam com colaborações e até mesmo com críticas em relação ao outro, como registrei no trecho a seguir:

Enquanto a música acontece, a professora percebe que Mikail toca o repinique fora do ritmo. Do lugar onde está sentada, ela pede para Mikail prestar atenção como ela está tocando e pede para ele fazer igual. Ele atende o chamado dela, no entanto, Mikail não consegue executar o ritmo como os demais alunos. Nessa hora, o aluno do lado esquerdo de Mikail tenta ajudá-lo e o amigo do lado direito também, mas Mikail ainda não compreende. Outros alunos, dos lugares onde estão, também ajudam Mikail mostrando como eles tocam, dizendo: “É assim! Faz assim!” (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Ensaio para a apresentação”).

Verifica-se na fala da professora durante entrevista que a colaboração entre eles é uma prática comum na banda. Referindo-se a participação dos alunos com Síndrome Downs, ela afirma:

(...) eles são muito disponíveis, os três são muito disponíveis, e não só eles, mas como todos os da Batucada. Os meninos são fáceis demais de mexer, são ótimos pra trabalhar com eles e na hora de ajudar a carregar um cadeirante, de levar o G. que não enxerga, então eles são muito disponíveis com relação a amizade...então eles são muito queridos, são presenças muito forte ali no grupo, eles sempre estão lá e então são muito queridos.

Portanto, na prática musical dos ensaios, há interações que acontecem no grupo, desde o início da aula com os bate papos, no aquecimento do canto e instrumental, na escolha do repertório e na aprendizagem musical, o que de certa forma reflete na socialização e convivência entre todos os envolvidos, alunos e professora, dentro da Batucada.

3.2.3 As apresentações públicas da Batucada

As apresentações públicas da banda costumam acontecer tanto na APAE como em outros espaços, igrejas, escolas, eventos da prefeitura, shopping, teatro e praças. A média é de três a quatro apresentações por mês e as aulas que antecedem esses compromissos da banda são destinadas somente a ensaios com a execução do repertório a serem apresentados, conforme já mencionado.

Os convites para os shows da Batucada são feitos através de contatos com a própria APAE ou com a professora de música. De acordo com ela, quando o contato é realizado através dela, é feito um pedido de autorização para a Instituição que libera os alunos para se apresentarem.

Para tratar das interações que acontecem no antes, durante e depois das apresentações da banda, serão abordados as aproximações que ocorrem entre os alunos, professor/alunos e plateia/alunos.

Fica sobre a responsabilidade da APAE juntamente com a colaboração da professora e de alguns pais, a condução dos alunos e dos instrumentos até ao local do evento. A instituição oferece o meio de transporte, uma “Kombi”, que busca os alunos em suas casas e os leva de volta após a apresentação. A professora e alguns pais que acompanham o grupo ajudam a transportar os instrumentos, equipamentos de som e até mesmo alguns alunos.

Em uma conversa informal com a professora, numa carona até a APAE para mais uma observação, ela disse que quando as apresentações são realizadas durante o dia os alunos vão para a Instituição, sozinhos ou acompanhados dos pais, e, de lá, saem para o destino do evento com a Kombi ou com a professora ou com os pais que tem carro. Porém, quando as apresentações ocorrem no período da noite, a Kombi busca os alunos em suas casas.

Os trajetos para as apresentações são momento importante de socialização e conversas entre os alunos. Conforme a professora eles aproveitam para colocar os “assuntos em dia”. Discutem sobre as novelas, contam sobre as brigas com o namorado, fazem fofocas dos colegas e dão muitas risadas a caminho dos eventos.

Ainda, de acordo com a professora, quando surgem convites para a Batucada se apresentar em cidades próximas a Governador Valadares, um ônibus é alugado para transportar todos os alunos e instrumentos utilizados durante a apresentação. Neste caso, com a turma toda junta em um mesmo carro, a professora diz que além dos bate papos de costume, os alunos ficam mais animados e fazem uma resenha com os instrumentos que lá estão e a Batucada toma conta do ônibus até ao destino do evento e segundo ela “é uma festa”.

Durante o período em que estive em campo, participei como pesquisadora de três apresentações da banda. A primeira delas ocorreu em uma escola do Município, a segunda no auditório do INSS e a terceira no Teatro da cidade.

3.2.3.1 Apresentação na escola



Figura 14: A Batucada na escola

A apresentação realizada na escola aconteceu à noite e quando cheguei ao local, dava para escutar do lado de fora o som dos instrumentos. Ao entrar, me certifiquei de que a apresentação ainda não havia começado e só era mesmo o aquecimento de alguns alunos que se encontravam sentados em seus lugares, outros, em pé aguardando o início da apresentação conversando com a professora e as pessoas ali presente. Nesse instante, testemunhei momentos de descontração de todos da banda e pareciam estar bem à vontade no local.

Quando entrei na escola fui recepcionada por uma aluna do grupo que veio correndo até onde eu estava, perto do portão, me deu um abraço e disse: “Renata, você veio”! Em seguida, mais dois alunos se aproximaram e me deram mais abraços, pegaram na minha mão e me conduziram até onde estavam todos os outros. Ali, havia alunos tocando instrumento, outros conversando e os que estavam perto da professora ajudando-a nos ajustes finais: carregar cadeiras e testar o som (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Apresentação pública”).

A plateia era representada por funcionários e estudantes da escola do período noturno, assim como também estavam presentes alguns pais de alunos da banda, a direção da APAE e todos, se encontravam no pátio da escola onde a Batucada se apresentaria.

Nos meus registros, descrevo o início da apresentação:

A abertura da apresentação foi anunciada pela coordenação da APAE com os agradecimentos estendidos a todo o grupo pelo convite de estarem ali. Em seguida, a palavra foi transferida à direção da escola anfitriã dando boas-vindas à APAE e logo após, um aluno da escola que estava recebendo a Batucada e também funcionário da APAE, chama um dos integrantes da banda para apresentar o grupo. Nesse momento, enquanto o aluno mencionado se levanta, vários colegas da banda grita o nome dele. Então, o aluno segura o microfone e se apresenta dizendo: “Eu sou T. Sou vice- presidente do instituto lar APAE GV de Governador Valadares. Meu nome é T. e vou apresentar professora Nanci!”. Nessa hora, todos os alunos da banda gritaram e tocaram os seus instrumentos. Outra aluna, vocalista da banda, segura o microfone e movimentando pelo espaço onde está, diz para a plateia: “Boa noite gente? Como estão vocês? Beleza?”. A plateia responde, interagindo com o grupo e a aluna continua: “Então deixa eu apresentar pra vocês. Pra quem não me conhece, eu sou E. viu? Aqui no tambor, C.! No repinique, R.! No tambor, G. (...)” (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Apresentação pública”).

Os alunos que são apresentados por E., tocam os seus instrumentos e todos os integrantes da banda mais a plateia batem palmas. E., continua caminhando pelos alunos que estão sentados e apresenta todos pelo nome e os seus respectivos instrumentos. A reação do público era sempre de palmas e gritos, o que deixava todos os alunos da banda entusiasmados.

Na Batucada, além dos dançarinos, há alunos com funções específicas que antes não foram demonstradas nas aulas/ensaio observadas. De acordo com a professora, as apresentações dos dois alunos, T. e E., tornou-se um ritual nos eventos onde o grupo se apresenta. Ainda em meus registros, relato a seguinte cena:

Antes dos alunos iniciarem a Batucada, a professora com um dos microfones pergunta para E.: “O que a gente vai cantar aqui hoje, hem E.?” A aluna responde com ênfase: “Tava na peneira, meu filho!” A professora dirige-se à plateia e continua: “É, a gente vai fazer um baião aqui agora, né? São músicas conhecidas e podem cantar com gente! Músicas que avó de vocês cantavam, que os pais de vocês cantavam, tá bom (risos)? Mas vocês conhecem e vão cantar com gente também! Conta aí E. pra gente começar!” A aluna responde: “então vamos contar, um, dois, três, e....vai!” Nesse instante, a Batucada inicia e E. agita o ambiente falando: “vão bora, vão bora, vão bora, treme, treme, treme”. Em seguida dá início ao canto com a primeira música, “Eu tava na peneira” (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Apresentação pública”).

De início, a banda fez um *pot-pourri* (Faixa 3 do CD em anexo) com as canções na sequência a seguir: Eu tava na peneira, Cada macaco no seu galho (Cho Chuá), Mulher rendeira, Eu sou a mosca que pousou na sua sopa, Eu só quero um xodó, Xote das meninas e Asa branca. Precisamente na música “Mulher rendeira” um casal de alunos, Alan na meia lua e N. na flauta doce, deixaram seus instrumentos no lugar, foram para a pista à frente da banda e começaram a dançar. A plateia aplaudiu, assobiou e gritos de “uh hu e ehh” surgiram no meio do público. Enquanto isso, a dança do casal continuou até o final da seleção musical que foi finalizado com a E., vocalista, contando: “é um, dois, três e parô! Quem gostô faz muito barulho!”. A plateia novamente vai ao delírio com a banda e mais palmas e gritos surgem no ambiente. E. agradece: “Valeu!”. Alguns alunos se levantaram e sentaram rapidamente, demonstrando gestos de agradecimentos ao público. Nesse intervalo, o diálogo entre professora e aluna se deu de forma descontraída:

Professora: E.?

E.: oi.

Professora: você viu que tinha um casal dançando lá no meio?

E.: anrã.

A plateia grita: Uhhhh!

Outra aluna da banda fala: ah, então nós pode chamar eles pra dançar, né?

Professora: então, pergunta Manu, se eles querem dançar!

E.: cês querem vim pra dançar?

Todos os alunos da banda fizeram gestos com a mão chamando o casal e alguns ainda falaram: vem, vem!

O casal solicitado aceitou o convite da banda e dividiram a pista com mais dois casais formado pela Batucada, sendo dois deles Alan e Jefferson. Nesse momento, os estudantes que faziam parte da plateia se empolgaram, assobiaram, sorriram, aplaudiram, formaram outros casais e dançaram um pouco mais distante da pista. Era visível o olhar de felicidade e satisfação dos alunos da Batucada naquele momento.

As interações entre a Batucada e plateia se deram em vários momentos. É possível identificar no diálogo acima essa relação de aproximação dos envolvidos, assim como nos gestos de agradecimento, nos aplausos, nos sorrisos dos alunos e do público, nas chamadas da aluna E. direcionada a plateia, no bate papo entre as vocalistas, E. e professora.

Ao longo da apresentação, percebi que a aluna vocalista interagiu com o público o tempo todo, solicitando aplausos e convites para dançar e cantar junto com a banda. Enquanto isso, os outros alunos continuaram a Batucada com empolgação e a dança entre eles continuou sendo uma das atrações do grupo, conforme registrei em minhas anotações:

Ainda nesse mesmo entusiasmo, a professora anuncia o nome de três alunos, dois deles, Jefferson e Mikail, que se levantam e vão para a pista dançar *Funk* para a plateia. Enquanto os três aguardam a contagem da E., o restante do grupo sem entender porque ela demora, começa a dizer: “vai lá E., vai lá E.!” Então, ela dá o sinal com a contagem e a Batucada começa a tocar. Nessa hora, E. canta as músicas “Beijinho no ombro e Lepo Lepo”, os três alunos dançam e a plateia vai ao delírio novamente. Ouvi alunas da escola que estavam do meu lado, gritar: “Nossa que gracinha! Que lindo! Uh hu! Ehhh” E muitos aplausos foram dados quando E. deu o sinal de parar, e, os alunos com gestos de agradecimentos roubaram mais uma vez, gritos de elogios da plateia (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Apresentação pública”).

Os alunos vibraram com os aplausos e se empolgaram durante a apresentação. Nesses momentos é visível que os aplausos e o reconhecimento do público interfere diretamente no modo como eles executam os seus instrumentos. À medida que parece aumentar a adrenalina dos alunos devido à vibração da plateia, a intensidade dos instrumentos cresce gradativamente no decorrer das músicas e alguns até batem o ritmo mais acelerado em relação aos outros, devido a empolgação do momento. Sobre o entusiasmo da banda, na entrevista com a professora sobre a reação deles com o público, ela comentou:

Eu não vejo ali dificuldades não. Eles gostam de ser aplaudidos, eles gostam de estar no palco. Aquilo ali, a autoestima deles vão lá em cima. A E. terminou um dia desses a apresentação, aí ela saiu no meio do público e disse assim:

“pode me cumprimentar, eu sou a vocalista, eu sou artista, pode me dar os parabéns” (risos). E eu: “manera E. (risos), menos E.” (risos). (...) Eles gostam disso (risos), de serem aplaudidos. Eu acho que é o momento deles ali. Tantas coisas que eles não podem fazer, que eles não conseguem fazer, ali eles fazem, eles conseguem (...) ali é a hora do pessoal babá por eles e aplaudir (...).

Depois das apresentações da banda, presenciei outras situações de interação. Como descrito acima pela professora, alguns dos alunos, incluindo os alunos com SD, saíram em direção à plateia para receber os cumprimentos. Observei que eles gostaram de dar e ganhar abraços, alguns pediram para ganhar os parabéns, fazem poses para fotos e adoraram aparecer nas filmagens. Essa reação é com o público e também entre eles, pois constatei depois que eles param de tocar e deixam os instrumentos, se cumprimentam, se abraçam e dão os parabéns para o amigo. Para a professora, essa reação deles é porque “eles se sentem os artistas e músicos ao se apresentar”.

3.2.3.2 Apresentação no auditório do INSS

Assim como na Escola, a apresentação realizada no INSS foi conduzida da mesma forma pela professora e todo o grupo. No início, houve as apresentações dos alunos T. e E., o repertório da banda foi o mesmo nas duas apresentações seguindo a mesma ordem das músicas. Os papéis dos alunos dentro do grupo seguiram os mesmos da apresentação anterior. Somente Alan, fez uma troca de instrumento: substituiu a meia lua pelo Cajon e foi o mais requisitado e disputado para dançar com as meninas da banda.

Quando cheguei para a apresentação no INSS, alguns alunos já estavam lá aguardando a chegada dos outros integrantes da banda e da professora. Enquanto isso, ganhei abraços, ficamos conversando, os alunos pediram para serem fotografados, fizeram várias poses para a foto e assim registrei momentos únicos entre eles, inclusive dos alunos Alan, Mikail e Jefferson que lá estavam. Jefferson sentando no chão ao lado de uma aluna C. conversava sobre o uniforme da Batucada:

Jefferson: a tia Céu falou pra vim com a camisa.

C.: eu sei, a minha mãe lavou a camisa, olha só.

Jefferson: a minha tá branquinha.

[Mikail entrou na conversa, disse alguma coisa apontando para C., mas eu não entendi o que ele falou]

Jefferson: o Zé Roberto (motorista da APAE) falou que não pode vim de short e quem vim não vai tocar.

C.: não deu tempo de colocar a calça (risos).

[Mikail entrou de novo na conversa, falando e apontando para o short da C.]

Jefferson: amanhã pode ir de short não e tem que ir de camisa.

C.: amanhã eu vou de calça no teatro e vou usar a mesma camisa.

[Alan chegou perto dos três e pediu para falar baixinho, fazendo gestos de silêncio com a mão]. (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Apresentação pública”).

À medida que os alunos iam chegando, Alan sempre preocupado, pedia para os amigos fazer silêncio e falar baixinho, pois estávamos aguardando em um dos corredores do prédio do INSS onde havia salas funcionando, no mesmo andar do auditório. Neste dia, a professora Nanci demorou a chegar ao local porque foi buscar uma aluna em casa e mesmo assim, os alunos que aguardavam encontravam-se muito tranquilo e o clima entre eles era de descontração e risos. Havia alunos sentados nos degraus da escada, roda de alunos em pé, outros sentados no chão e pareciam estar muito à vontade no local.

Os instrumentos já ficaram dispostos no mesmo lugar onde foram colocados pela equipe da APAE e os alunos não os pegou para tocar, a não ser no início da apresentação, quando alguns chegaram perto dos instrumentos para fazer poses durante a sessão fotográfica. Com a chegada da professora, já quase no início da apresentação, os alunos se aproximaram para dar abraços e demonstraram estar felizes com a chegada dela. Logo após, Nanci deu o comando para cada um segurar o seu instrumento e em seguida foram caminhando para o auditório onde seria a apresentação. Ao entrar no auditório, os alunos acomodaram-se em seus lugares com a ajuda da professora, de alguns pais presentes e também da minha colaboração.



Figura 15: Indo para o auditório

O público era formado por funcionários do INSS que estavam em uma palestra promovida pela instituição e o convite de convidar a Batucada partiu de uma das funcionárias que organizava o evento. Enquanto a banda se apresentava, a plateia interagiu com o grupo, aplaudindo, gritando, tirando fotos e alguns dançando no lugar. Ao finalizar a apresentação, nos agradecimentos da vocalista E., muitas pessoas da plateia emocionaram-se, e não contendo as lágrimas. A interação entre público e alunos continuou com a participação do grupo em uma dinâmica dos funcionários, com a entrega de brindes entre eles. Em minhas notas, registrei:

E., que adora um microfone, se ofereceu para fazer o sorteio e anunciava o número tirado. Enquanto a pessoa saía do lugar para buscar o brinde, ela e outra aluna ajudavam a entregar os presentes e ao mesmo tempo os integrantes da banda tocavam os instrumentos em um ritmo acelerado e o mais interessante é que a participação dos alunos era espontânea e partia deles mesmo. Assim, essa interatividade entre eles foi até o final do sorteio (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Apresentação pública”).

3.2.3.3 Apresentação no teatro

No dia seguinte a apresentação no Auditório do INSS, foi a apresentação no Teatro. Nesta, acompanhei a chegada de alguns alunos com a Kombi da APAE, dentre eles os com SD. Alan estava na frente com o motorista, Mikail e Jefferson, atrás com os outros colegas. Enquanto os alunos desciam do veículo, aproveitei para registrar o momento com fotos. Eles faziam poses, queriam ver as fotos e alguns pediram para serem fotografados com os amigos. Entre um intervalo e outro de fotos, como de costume, recebi muitos abraços. Neste dia, também cheguei antes da professora e aproveitei o momento para conversarmos. Ficamos na calçada da rua, bem próxima a entrada dos fundos do teatro, por onde íamos entrar. Eles estavam bem tranquilos e durante nosso bate papo, Alan disse que ia tocar novamente o cajon e Mikail e Jefferson, o tambor. Alan contou que sua namorada, aluna da banda, ainda não tinha chegado e que ia dançar com ela durante a apresentação. Mikail queria tirar várias fotos e pedia para ser fotografado, enquanto Jefferson, o mais calado dos três, neste dia, estava conversando muito e todo empolgado com o fato de se apresentar no Teatro. Ele disse que conhecia o lugar e já tocou lá com a Batucada e foi muito bom.



Figura 16: Chegando ao Teatro

Quando a professora chegou ao local, ainda estávamos na calçada. Os alunos a cumprimentaram com beijos e abraços. Outros alunos que iam chegando também eram recebidos da mesma forma, com abraços, beijos, aperto de mão e era visível o carinho entre todos eles. O bate papo descontraído entre eles continuou e quando eu menos esperava, na calçada mesmo, eles começaram a cantar e dançar algumas músicas do repertório da banda junto com a professora, dentre elas, Cabelo loiro e Fuscão preto (Faixa 4 do CD em anexo). Nesse instante, muitos pedidos de fotos foi solicitado pelos alunos. Logo após esse momento todos seguiram para uma entrada do Teatro que dava para trás do palco. Ficamos em um camarim, aguardando a vez da banda entrar no palco.



Figura 17: Descontração no camarim

Tratava-se de um evento da associação de Damas de Governador Valadares (Sodama), com a presença da prefeita e banda de música da polícia militar da cidade. A Batucada foi convidada a participar desse evento pela mãe de um dos alunos do grupo e também funcionária da APAE que faz parte da Sodama (grupo da juventude acumulada). Enquanto isso, os alunos esperavam tranquilamente à entrada ao palco. Alguns arrumavam o cabelo no camarim; outros conversavam com os amigos e professora em tom baixo, respeitando o local onde estavam. Nesse momento vi alunas combinando com Alan que queriam dançar com ele durante a apresentação e um dos alunos se aproximou de mim para contar que estava muito feliz porque o guarda o convidou para fechar a cortina.

Ao anunciar a entrada da Batucada, as cortinas foram fechadas e todo o grupo entrou no palco. Os alunos ajudaram a levar as cadeiras e os instrumentos para a professora e alguns auxiliaram os colegas com mais dificuldade. Todos se posicionaram em seus lugares sem a orientação da professora. Eles já sabiam os lugares onde cada um tinha que ficar e percebe-se que isso já foi muito bem ensaiado pela banda, pois constatei nas outras apresentações que os lugares dos alunos são sempre o mesmo. Abriu-se a cortina e a reação dos alunos era de felicidade. Eles sorriam, mexiam com a plateia, acenavam com as mãos - dando tchau - e faziam comentários com o colega do lado ou da frente. T., como em todas as outras apresentações, se apresentou como o presidente da banda e anunciou o projeto, Batucada. E., apresentou um por um, os amigos da banda e os seus instrumentos. A professora apresentou E. e as duas interagiram com a plateia, como de costume. Logo após, a Batucada invadiu o Teatro e a reação do público foi semelhante à das outras apresentações que presenciei.



Figura 18: Apresentação no Teatro

Outro aspecto que envolve a interação dos alunos na banda é o momento de confraternização entre eles que acontece quando encerra as apresentações. Durante conversa com a professora, quando eles recebem o convite para apresentar, o único pedido que ela faz à instituição que convida a banda para tocar é que eles ofereçam um lanche para os alunos no final da apresentação, segundo ela, esse é o “cachê” da Batucada e os alunos já esperam por esse momento: “e eles adoram”, diz a professora.

Durante a confraternização foi comum observar a professora parabenizando os alunos e perguntando se eles gostaram de tocar, o que eles acharam, se foi bom. Quando ela percebia algum aluno mais quieto, ela se aproximava para conversar. Também se mostrava preocupada quando algum aluno não queria o lanche, e tentava convencê-lo a aceitar.

Na confraternização os cumprimentos continuavam ou eram solicitados pelos alunos, como conto em um dos meus registros:

No momento da confraternização, E. e Milail saíram em direção aos convidados e ela pergunta: “Quem vai me dar os parabéns, quem vai, quem vai? Nós queremos ganhar os parabéns, não é mesmo Mikail?” E Mikail responde que sim. Ali eles ganharam abraços, beijos, receberam os parabéns e nota-se a felicidade dos alunos e a autoestima deles bem elevada (ANOTAÇÕES DE CAMPO, “Apresentação pública”).

A participação dos alunos com SD na Batucada durante a apresentação foi de grande importância. Além de terem um bom relacionamento com os demais integrantes da banda, em vários momentos da apresentação eles eram a conexão entre plateia e banda. Além do mais, estavam sempre bem dispostos, sendo cordiais e atenciosos com todos do grupo.

Durante a entrevista, ao ser, indagada sobre a presença deles na banda, a professora declarou dando a sua opinião sobre a deficiência dos Down:

“Olha, os alunos Down, é ... Eu acho muito interessante porque a Síndrome de Down talvez seja de tantas que existe, talvez a mais conhecida, a mais popular, né. Então quando as pessoas olham pra um grupo tocando e veem que tem Down ali. É ... as pessoas já batem o olho porque já é muito claro, né, muito visível. O estereótipo deles é muito visível e o interessante é porque eles conseguem fazer as mesmas coisas que qualquer pessoa normal faz. Então, a participação do Down é muito interessante dentro desse papel pra quebrar paradigmas, quebrar alguns preconceitos, porque todo mundo vê ali é que eles dançam, eles cantam, eles falam, eles riem, eles choram, como qualquer outra pessoa. O Down, ele é alegre, ele é pra cima, ele é expansivo, ele é carinhoso,

ele é brincalhão, ele chora, ele ri como a gente. Então eu acho muito importante a participação deles pra mostrar para as outras pessoas. E talvez eles sejam a maior ponte entre o grupo e o público (...) e por isso eu acho muito legal a participação deles no grupo.”



Figura 19: Jefferson, Mikail e Alan

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu um maior conhecimento não só sobre a Síndrome de Down, como conhecer as interações musicais na banda Batucada. As questões iniciais que impulsionaram este estudo foram: como esses alunos percebem a prática musical no qual estão inseridos; como eles veem o repertório na banda, a relação música e dança e por fim, o que leva esses alunos participarem de uma banda de música. Para tratar dessa discussão, tomei como referência as ideias de Schutz (1984,1974) sobre a interação nas práticas musicais em grupo, e Goffman (1988, 1975) com a sua contribuição teórica à interação na vida cotidiana das pessoas para se aproximarem umas das outras.

Para o desenvolvimento da pesquisa, as observações *in lócu* foram fundamentais, bem como as anotações de campo, os registros fotográficos e vídeo, que apresentaram dados muito importantes que ajudaram na compreensão das interações dos alunos com SD com o fazer musical da Banda Batucada.

As primeiras aproximações com a Batucada destinaram-se a observar as interações dos alunos com SD durante a aprendizagem musical nas aulas, ensaios e apresentações, com a aprendizagem do repertório, com a dança, o canto, a preparação para as apresentações, assim como a relação deles com os amigos, professora e plateia. No entanto, as interações dos outros alunos envolvidos nesse processo de investigação foram ficando mais evidenciadas e passaram a contribuir para entender a relação banda e alunos com SD na vivência musical em grupo.

O processo de aprendizagem musical dos alunos com Síndrome de Down presume a interação entre os demais participantes do grupo e de todos os envolvidos nesse contexto, incluindo a professora da banda, a família desses alunos e plateia. Sendo assim, a aprendizagem musical dos alunos com SD na banda está associada à relação de todos eles e da comunicação que se dá entre eles tanto nas aulas como nas apresentações, pois conforme Goffman (1975), toda comunicação é resultado de algum tipo de interação social entre as pessoas no dia a dia. Essa interação é possível ser evidenciada na Batucada e está presente entre os alunos e no papel que cada um desempenha dentro do grupo, especificamente com o alunos com SD, que tem uma participação diferenciada enquanto dançarinos da banda.

Dias (2011) baseado nos estudos de Goffman (1975), destaca a interação como a “influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (GOFFMAN, 1975, p.23). “Estudou a interação social no cotidiano das pessoas, especialmente em lugares públicos onde o desempenho dos papéis sociais tem a ver com o modo como cada indivíduo concebe a sua imagem e a pretende manter” (DIAS, 2011, p.21). Nessa perspectiva, um dos pontos de interação revelados na banda é marcado pela identificação e diferenciação de funções que cada aluno tem no grupo. Cada papel destinado aos alunos promove a aproximação dos demais envolvidos.

No caso dos alunos com SD, a dança é um dos momentos das aulas e apresentações que deixa mais perto a Batucada do público e ao mesmo tempo estreita o relacionamento entre os alunos, assim como o entrosamento das vocalistas, professora e aluna, promove a interação entre o grupo e o público. Nesses momentos de encontro com a plateia é nítido o reconhecimento do trabalho realizado pela Batucada através das reações do público e a resposta dos alunos é imediata e demonstrada através batidas fortes nos instrumentos e cumprimentos de agradecimentos. Schutz (1974, *apud* DIAS, 2011, p. 168) destaca que “as expressões faciais do outro, seus gestos ao manejar seu instrumento, em suma todas as atividades de execução se inserem no mundo externo e podem ser captados pelos coparticipes de maneira imediata”.

As interações observadas podem ser percebidas em momentos descontraídos de conversas, fora e dentro da sala de música, nas esperas que antecedem as apresentações, nos instantes de confraternização após os shows da banda, bem como nas atitudes colaborativas de se ajudarem na banda. Do mesmo modo, as interações músico-pedagógico aproximam os alunos dentro do grupo. A escolha do repertório traz discussões interativas e ao mesmo tempo o respeito pelo gosto musical do outro. Os precisos comandos de entrada e finalização das músicas dados na hora certa, pela condução da aluna vocalista, é correspondido através da sintonia e entendimento dos alunos.

No que se refere à interação, observa-se a construção de um relacionamento de confiança e afeto estabelecido entre professora e alunos que permite a aproximação entre eles. Por meio da música, essa cumplicidade estabelecida no grupo age como um canal intercessor do aprendizado musical de cada um deles e contribui para que eles expressem suas próprias vontades e que ouçam e respeite as ideias do outro, pontos identificados na postura dos alunos com SD com relação a eles e aos outros na banda.

Outro aspecto interativo diz respeito aos sentimentos emotivos que fazem parte da relação construída entre eles. Desses sentimentos, as paixões, amores proibidos, lembranças de entes queridos levam os alunos às lágrimas e a sorrisos que são compartilhados em conjunto e evidenciados na prática musical por meio de atitudes e expressões musicais. Nas entrevistas realizadas com os alunos com SD, em uma das falas e expressão emotiva de Alan, percebe-se o quanto à música e a Batucada lhe é importante. Para ele, a banda é o seu coração e a música lhe proporciona momentos de paz, festa com os amigos e acima de tudo, o respeito de ser reconhecido como pessoa capaz de realizar o que faz por amor à música.

Esse trabalho mostrou que as interações são possíveis e que apesar das limitações de cada síndrome, não há limites que impeçam alunos especiais de fazer música. Para os alunos com Síndrome de Down, na prática musical as dificuldades em comunicar-se verbalmente são superadas enquanto vivenciam a música. Essa comunicação acontece através do contato e das aproximações com o outro, das interações que envolvem a dança, o tocar e o cantar durante a prática musical. Contudo, além de mostrar a superação desses alunos, penso que esta pesquisa pode vir a contribuir para outros educadores musicais que acreditam em um projeto como a Batucada, desenvolvido em uma instituição que acolhe alunos especiais, possa ser um espaço de interações não somente para trabalhar especificamente a música, mas também um espaço onde a vivência musical desse aluno possa ser compartilhada e socializada entre as pessoas.

Uma vez percebida a importância do estudo das interações no processo músico pedagógico da Batucada, acredito que este trabalho poderia ser estendido a todos os integrantes da banda para entender particularmente a participação de cada um no grupo.

Outros estudos podem ser desenvolvidos entre as pessoas que fazem parte do universo musical desses alunos e que resultam as interações vivenciadas nas práticas musicais coletivas, como por exemplo, a família, professores, plateia e a Instituição APAE.

Para finalizar, esta pesquisa foi desafiadora por ver cada semana passar e não ter os dados suficientes para a elaboração de um trabalho tão gratificante que envolveu pessoas muito queridas nesses meses de estudo. Desafiadora, no sentido de mudanças na elaboração do projeto inicial que permitiram um olhar mais humanizado nas investigações e nas análises que foram voltados para as relações entre as pessoas pertencentes a uma banda de música formada por alunos especiais, que envolveu as interações dos alunos Downs entre eles. Em contrapartida, foi difícil lidar com o fator tempo. Os prazos para cada etapa do trabalho foram curtos para a

demanda da pesquisa e, além disso, houveram imprevistos em campo, de modo que o cronograma ficou comprometido.

Encaminhamentos do projeto inicial não foram aproveitados, ocasionando defasagem no trabalho que poderia ter se desdobrado conhecendo mais sobre o objeto de estudo. Além dos aspectos que foram priorizados nesta pesquisa, outros poderiam ter sido priorizados, como por exemplo, um aprofundamento melhor da fundamentação teórica, a contextualização da APAE inteirando-se mais sobre a Instituição, membros da família poderiam ter sido ouvidos. O trabalho foi desenvolvido em um tempo curto e a minha familiaridade com o campo de pesquisa precisava de uma demanda maior. Ainda em campo, percebi que o contato com a banda era muito importante para que eu pudesse conhecer e escutar mais da relação dos alunos investigados com o grupo.

Enfim, fui movida pela motivação, quanto pela emoção à medida que a minha inserção no campo avançava por conquistas com todo o grupo e com os alunos de Síndrome de Down, em especial. O sentimento de um carinho verdadeiro dos alunos da banda por mim estimulou-me à conclusão desta pesquisa. Foram muitos abraços recebidos, casos contados, momentos descontraídos, pedidos de fotos e várias risadas, que com certeza deixaram marcas na minha experiência enquanto pesquisadora e educadora musical.

A elaboração e finalização deste projeto, suscitou e reforçou um interesse pessoal de investir minha formação na educação musical para crianças especiais. Os resultados obtidos me fizeram pensar e repensar nas possibilidades profissionais de aperfeiçoar e trilhar um caminho nesta área de estudo. A motivação vem pelo desafio de uma nova aprendizagem e pelo exemplo de superação deixado pelos alunos investigados que mostraram que a deficiência não os impede de fazer aquilo que gosta: a Música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, R. V. *A emergência da comunicação expressiva na criança com Síndrome de Down*. 2006. 258 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- AUGUSTO, Maria Inês Couto. *As possibilidades de estimulação de portadores da síndrome de down em musicoterapia*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 2003.
- BARROS, Aidil J. da Silveira; LEHFELD, Neide A. de Souza. *Fundamentos de metodologia científica, um guia básico para a iniciação científica*. 2. ed. amp. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1986.
- BRESSAN, F. G. *A vida por trás dos olhos amendoados: um livro-reportagem sobre os portadores da Síndrome de Down*. Londrina: Eduel, 2002.
- BISSOTO, M. L. O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. *Rev. Ciência e Cognição*. Ano 02. Vol. 04, mar/2005. Disponível em: <
<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/m11526.pdf>>. Acesso em: 15/05/2014.
- BONI, V. & QUARESMA, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Electrónica dos Pró-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (1), pp. 68-80.
- DIAS, Leila M. Martins. *Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de caso*. Dissertação (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- DONATONE, Josiane Lopes Ribeiro. *A contribuição da música na educação especial*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte e Educação). Fortaleza: Faculdade Integrada da Grande Fortaleza, 2011. Disponível em: <
http://meloteca.com/pdf/musicoterapia/josiane-donatone_educacao-especial.pdf>. Acesso em: 16/05/2014.
- FARIA, Márcia Nunes. *A música, fator importante na aprendizagem*. Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS. 2011.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri. *O som e a forma, do gesto ao valor*. In: DEL BEN, Luciana; HENTSCHKE, Liane (Org). *Ensino de música: propostas para se pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Editora Moderna, p.48-61, 2003.
- FREIRE, Vanda Bellard. *Horizontes da Pesquisa em Música*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. 5ª. Edição. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Carolina Chaves. Síndrome de Down e Música: estudo preliminar sobre as escolas privadas de Natal/RN. São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2008/020%20Carolina%20Chaves%20Gomes%20et%20alli%201.pdf> >. Acesso em: 22/05/2014.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, (1963) 1988.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Porto Alegre: Ed. Vozes, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual*: Essays in Face to Face Behavior. New York: Doubleday, 1967.

GUNDERSEN, K. S. *Crianças com Síndrome de Down*: guia para pais e educadores. 2ª Ed, Porto Alegre: Artmed, 2007.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. 5 edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAVILLE, C.& DIONNE, J. A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed/Editora UFMG, 1999.

LEFÈVRE, Beatriz Helena. *Mongolismo*: orientação para famílias. São Paulo: Almed, 1981.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. *A Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação*: Abordagens Qualitativas. 8 ed. São Paulo: EPU, 2004.

MUSTACCHI, Z. *Curvas padrão pondero-estatural de portadores de Síndrome de Down procedentes da região urbana da cidade de São Paulo*. 2002. 210 f. Tese (Doutorado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ONGARO, Carina de Faveri; SILVA, Cristiane de Souza e RICCI, Sandra Mara. (2006). A importância da Música na Aprendizagem. Disponível em: < <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf> >. Acesso em: 16/05/2014.

PUESCHEL, S.M. (Org). *Síndrome de Down*: guia para pais e educadores. 4. ed. Campinas: 116 Papirus, 1993.

RAMALHO, Natália Migliari. A Musicoterapia para Pacientes Portadores de Síndrome de Down: Um Estudo de Caso. Trabalho de Conclusão do Curso (Pós-Graduação em Musicoterapia). São Paulo: Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, 2011. 35 páginas. Disponível em: < <http://biblioteca-da-musicoterapia.com/biblioteca/arquivos/monografia/natalia%20Portador%20de%20Sindrome%20de%20Down.pdf> >. Acesso em: 18/06/2014.

RAMOS, A. C.; CAETANO, J. A.; SOARES, E; ROLIM, K. M. C.. *A convivência da família com o portador de Síndrome de Down à luz da teoria Humanística*. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 59, n. 3, 2006.

RAVAGNANI, Anahi. A educação musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social. Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009. Disponível em: < <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/19801/DISSERTACAO.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 15/05/2014.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María Del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. 5ª. Edição. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

SANTOS, Priscila Fernandes de Oliveira. A educação musical e a Síndrome de Down. Revista da ABEM, São Paulo, out. 2008. Disponível em: < <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2008/108%20Priscila%20Fernandes%20de%20Oliveira%20Santos.pdf> >. Acesso em: 20/06/2014.

SCHUTZ, Alfred (1971), *Faire de la musique ensemble*: Une étude des rapports sociaux, dans Sociétés. N. 1, Paris, Masson, 1984.

SCHUTZ, Alfred. Arvid Brodersen In: *Estudios sobre teoría social*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1974.

SCHWARTZMAN, J. S. Síndrome de Down. São Paulo: Memnon, 2003.

SIQUEIRA, Valéria. *Síndrome de Down*: Translocação Robertsoniana. Rio de Janeiro, *Rev. Saúde e Ambiente*, Duque de Caxias, Vol.1, n.1, p.23-29, jan-jun. 2006.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. *Afetividade e produção da escrita*: A mediação do professor em sala de aula. 2000. 246 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VIANA, A. C. L. & FONTEERRABA, M. T. O. (2009). A Musicalização Como Meio de Intervenção no Desenvolvimento de Crianças com Síndrome de Down – Um Estudo de Caso. Acedido a 01 de Outubro, 2010, em http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_35387787873.pdf

APÊNDICES

APÊNDICE A – GUIA DE ENTREVISTA

Roteiro para entrevista semi – estruturada Entrevista com o aluno portador da Síndrome de Down

Aluno:

Idade:

Escola:

Dia da entrevista:

Tempo:

Da relação com a Música:

1. Qual o seu instrumento?
2. Onde e como você conheceu esse instrumento?
3. Há quanto tempo você toca esse instrumento? Como começou a tocar? Qual instrumento você mais gosta de tocar aqui?
4. Você gosta de cantar?
5. Quais músicas você gosta de tocar e/ou de cantar?
6. Porque você gosta dessas músicas?

Da relação com a Banda:

1. Como você entrou na Banda?
2. Quanto tempo faz que você está na Banda?
3. Que tipo de música você toca e canta aqui na Banda?
4. Como é a sua participação na Banda? O que você toca?
5. Como é dançar na Banda?
6. Conte como são os ensaios?
7. Porque você está na Banda?

Da relação sobre as apresentações da Banda:

1. Você faz apresentações aqui na APAE para os outros amigos que não toca na Banda?

2. Como você se sente quando toca aqui na APAE?
3. Você faz apresentações fora da APAE, em outros lugares? Onde?
4. Como você se sente quando toca fora da APAE, em outros lugares?
5. Como você se sente durante a apresentação?
6. Como você se sente quando toca para as outras pessoas nas apresentações da banda?
7. Como é depois que você apresenta?

Da relação com os amigos da Banda:

1. Como é tocar com os seus amigos da banda?
2. Como você se sente tocando com os seus amigos?
3. Conte como é sua relação com seus amigos da banda? Você ajuda os seus amigos da banda quando eles não conseguem tocar o instrumento? Como você ajuda?
4. Os seus amigos te ajudam quando você não consegue tocar o instrumento? Como eles te ajudam?

Da relação com a professora:

1. Há quanto tempo você conhece sua professora de música? Como a conheceu?
2. Como a sua professora ensina música para você?
3. A professora te ajuda a tocar o instrumento quando você não consegue tocar? Como ela faz para te ajudar?
4. O que você mais gosta na sua professora?

Da relação com a música em outros espaços:

1. Além de você tocar aqui na banda, você toca em outros lugares? Onde? O que você toca? Com quem?
2. O instrumento que você toca aqui na banda, você tem ele em casa para tocar?
3. Na sua casa tem alguém que toca algum instrumento?
4. Você ouve música em outros lugares? Onde? Quais músicas? Como você ouve?
5. Você tem o apoio da sua família para tocar?

APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA

Roteiro para entrevista semi – estruturada

Entrevista com a professora de música da banda “Batucada” da APAE

Professora:

Escola:

Dia da entrevista:

Tempo:

Sobre o Professor:

1. Qual a sua formação?
2. Há quanto tempo de atividade profissional na área da música?
3. Há quanto tempo exerce atividades musicais com alunos especiais?
4. Como surgiu o interesse em trabalhar com alunos especiais?

Sobre a instituição em que trabalha (APAE):

1. Descreva a instituição e se há um espaço específico para as aulas de música.
2. Como surgiu a aula de música na APAE?
3. Como é trabalhar na APAE?

Sobre o desenvolvimento das atividades:

1. Fale como são as suas aulas de música?
2. Há algum planejamento para as aulas?
3. Em que se fundamenta as aulas de música?

Sobre a banda:

1. Como surgiu a banda “Batucada”?
2. Há algum critério de seleção para entrar na banda ou qualquer aluno da APAE pode participar?
3. Atualmente há quantos integrantes na banda?
4. Que tipos de deficiência tem na banda?
5. Qual a quantidade de aulas/ensaios e apresentações que a banda faz (semanal, mensal, datas comemorativas)?

Sobre o repertório:

1. O que os alunos tocam e cantam?
2. Como é escolhido o repertório para as aulas? E para as apresentações?
3. Em minhas observações percebi que os alunos executam o mesmo ritmo nos instrumentos. Porque eles tocam somente esse ritmo em todas as músicas?

Sobre os alunos:

1. Qual o desempenho dos alunos em aprender as músicas que você ensina?
2. Quem escolhe os instrumentos que eles tocam nas aulas? Eles trocam de instrumentos? E nas apresentações, quem escolhe?
3. Como surgiu a dança na banda? Quem dança?
4. Qual o desempenho dos alunos Down em aprender as músicas que você ensina?
5. Comente sobre os alunos com Síndrome de Down no grupo?
6. Como é a prática musical dos alunos Down na Banda? O que eles tocam? Cantam? Dançam?
7. Que considerações você pode fazer sobre a participação dos alunos Down na Banda?

APÊNDICE C – CARTAS DE CESSÃO DO ALUNO

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS,
IMAGENS E ÁUDIO**

Eu, _____, RG _____, responsável pelo menor _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos sobre a entrevista realizada em ____/____/____ para o pesquisador Renata Soares Cassini, RG: MG9-297274, matrícula 110045157 estudante do curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta de dados da pesquisa intitulada *Uma “Batucada” pra lá de especial: um estudo do fazer musical na banda de música da APAE de Governador Valadares - MG*, cujo objetivo geral é investigar as interações dos alunos com Síndrome de Down no aprender música na banda “A Batucada”.

Cedo os direitos da participação do menor _____ nesse trabalho, sendo essa de caráter voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão sobre o controle e a cargo do pesquisador e professor orientador Vânia A. Malagutti da Silva Fialho.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar a identidade de _____ de acordo com uma das opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X), desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-científica.

	Identidade utilizando nome e sobrenome
	Identidade utilizando apenas o primeiro nome
	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
	Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica à disposição, podendo ser contatado pelo e-mail (renata.cassini@hotmail.com), telefone (33) 9122-1779 ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo e-mail (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado de posse de uma cópia desse documento.

Assinatura do Responsável Legal

APÊNDICE D – CARTAS DE CESSÃO DO PROFESSOR

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO

Eu, _____, RG _____

_____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos sobre minha entrevista realizada em ____/____/____ para o pesquisador Renata Soares Cassini, RG: MG9-297.274, matrícula 110045157 estudante do curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta de dados da pesquisa intitulada *Uma “Batucada” pra lá de especial: um estudo do fazer musical na banda de música da APAE de Governador Valadares - MG*, cujo objetivo geral é investigar as interações dos alunos com Síndrome de Down no aprender música na banda “A Batucada”. Cedo os direitos da participação nesse trabalho, sendo essa de caráter voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão sobre o controle e a cargo do pesquisador e professor orientador Vânia A. Malagutti da Silva Fialho.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar minha identidade de acordo com uma das opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X), desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-científica.

<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando meu nome e sobrenome
<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando apenas meu primeiro nome
<input type="checkbox"/>	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
<input type="checkbox"/>	Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica à disposição, podendo ser contatado pelo e-mail (renata.cassini@hotmail.com), telefone (33) 9122-1779 ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo e-mail (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado com uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

ANEXOS

ANEXO A – LINK (CD) COM MÚSICAS DA BATUCADA

Faixa 1- Estou Apaixonado

<https://soundcloud.com/batucada/faixa-1-estou-apaixonado>



Faixa 1-Estou apaixonado.mp3

Faixa 2- Como é grande o meu amor por você

<https://soundcloud.com/batucada/faixa-2-como-e-grande-o-meu-amor-por-voce>



Faixa 2 -Como é grande.mp3

Faixa 3 – *pot-pourri* (Eu tava na peneira, Cada macaco no seu galho, Mulher Rendeira, Mosca na sopa, Eu só quero um xodó, Xote das meninas e Asa Branca)

<https://soundcloud.com/batucada/faixa-3-pot-pourri>



Faixa 3-Pot Pourri.mp3

Faixa 4 – Cabelo loiro / Fuscão preto

<https://soundcloud.com/batucada/faixa-4-cabelo-loiro-e-fuscao-preto>



Faixa 4-Cabelo loiro e Fuscão preto.mp3